



ABRIGOS em movimento

3

# IMAGINAR

## PARA ENCONTRAR A REALIDADE

reflexões e propostas  
para o trabalho com  
jovens nos abrigos



# **IMAGINAR** PARA ENCONTRAR A **REALIDADE**

reflexões e propostas  
para o trabalho com  
jovens nos abrigos

SDH – Secretaria de Direitos Humanos  
Esplanada dos Ministérios, Bloco T, sala 420  
Edifício Sede do Ministério da Justiça  
CEP – 70064-900  
Brasília, DF

Copyright © 2010 - Secretaria de Direitos Humanos – SDH

A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente para fins não lucrativos e com a autorização prévia e formal da SDH/PR.

Conteúdo disponível também no site da SDH [www.direitoshumanos.gov.br](http://www.direitoshumanos.gov.br)

Tiragem desta edição: 3.000 exemplares impressos

Impresso no Brasil

1ª edição: 2010

“O conteúdo da obra é de responsabilidade exclusiva dos autores”.

Distribuição gratuita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Imaginar para encontrar a realidade : reflexões e propostas para trabalho com jovens nos abrigos / [coordenação da publicação Maria Lucia Carr Ribeiro Gulassa] . -- 1. ed. -- São Paulo : Associação Fazendo História : NECA - Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010. -- (Coleção abrigos em movimento)

Vários ilustradores.  
Bibliografia.

ISBN 978-85-63512-03-1

1. Abrigos 2. Abrigos - Aspectos sociais 3. Adolescentes - Cuidados institucionais 4. Inclusão social 5. Jovens - Trabalho 6. Sociologia educacional I. Gulassa, Maria Lucia Carr Ribeiro. II. Série.

10-01575

CDD-362.732

Índices para catálogo sistemático:  
1. Abrigos : Adolescentes : Bem-estar social  
362.732

## **IMAGINAR PARA ENCONTRAR A REALIDADE**

reflexões e propostas para o trabalho com jovens nos abrigos

## CRÉDITOS

### Coordenação da Sistematização

Maria Lucia Carr Ribeiro Gulassa  
Immaculada Lopez

### Produção de textos

Maria Lucia Carr Ribeiro Gulassa  
Immaculada Lopez

### Projeto gráfico e diagramação

Fonte Design

### Fotografia

Daniela Savastano - p. 8

### Ilustrações

Colagens feitas a partir de  
ilustrações de Gil Soares de  
Mello, Maria Soares de Mello,  
Aldinan Rodrigues Lima e  
Léo Cláudio Augusto Oliveira

### Agradecimentos

*Aos profissionais que pensaram  
e trouxeram suas experiências,  
desejos e sonhos para elaborar  
este caderno.*

*A todos os profissionais de abrigo  
que buscam o caminho para  
fazer desta instituição uma possi-  
bilidade de inclusão.*

*Aos jovens nos abrigos que bus-  
cam nos profissionais e colegas  
uma esperança de construir seu  
lugar social.*

## GRUPO DE TRABALHO PROFISSIONAIS DE ABRIGOS

### Associação Santa Fé

Cláudia Magalhães  
José de Souza Queiroz

### Fundação Francisca Franco

Janaína Ernica Contardi Me-  
deiros  
Sieyla de Carvalho P. Silva

### Liga Solidária

Júlio César Vieira Guimarães  
Mariano Gaioski

### Associação Lua Nova

Raquel de Barros

### Abrigo Butantã

Silmara Marazzi

Regina M. B. S. B. Pinheiro  
Sandra Silva Ungaretti

## **ADOLESCENTE**

Toda criatura que tem fogos de artifício dentro dela.

## **LIBERDADE**

Um azul que atrai e amedronta ao mesmo tempo.

## **OUSADIA**

Quando o coração diz pra coragem “vai”, e a coragem vai mesmo.

*Adriana Falcão*

*Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento*

# sumário

08 apresentação

## capítulo 1

11 O que é desabrigoamento?

## capítulo 2

16 O Abrigo como possibilidade

## capítulo 3

24 Binômio essencial: vínculo e autonomia

## capítulo 4

30 Transgressão faz parte

## capítulo 5

32 Em busca de um projeto de vida

33 Hora de sair

## capítulo 6

38 O vínculo não acaba

39 Construção do novo

41 Bibliografia de apoio

43 os autores

51 os projetos

# Apresentação

<sup>1</sup> As definições de adolescente e jovem têm variações, inclusive no âmbito legal. Segundo o ECA, adolescente é a pessoa que tem entre 12 e 18 anos. Já a proposta do Estatuto da Juventude fixa a juventude com a faixa etária compreendida entre 15 e 29 anos, e é esta concepção que está presente neste trabalho.

<sup>2</sup> A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon (p. 111). Ver bibliografia de apoio na p. 41.

Esse estudo surgiu da demanda dos muitos educadores do abrigo, preocupados com atendimento aos jovens<sup>1</sup> que se encontravam na eminência de deixar essa instituição por estarem próximos a maioridade. Foi então montado um grupo de profissionais experientes no tema que vivenciaram esse momento da vida dos jovens. Realizamos, no decorrer de 2006, uma série de encontros para discutir a saída do abrigo dos jovens em situação de abrigamento.

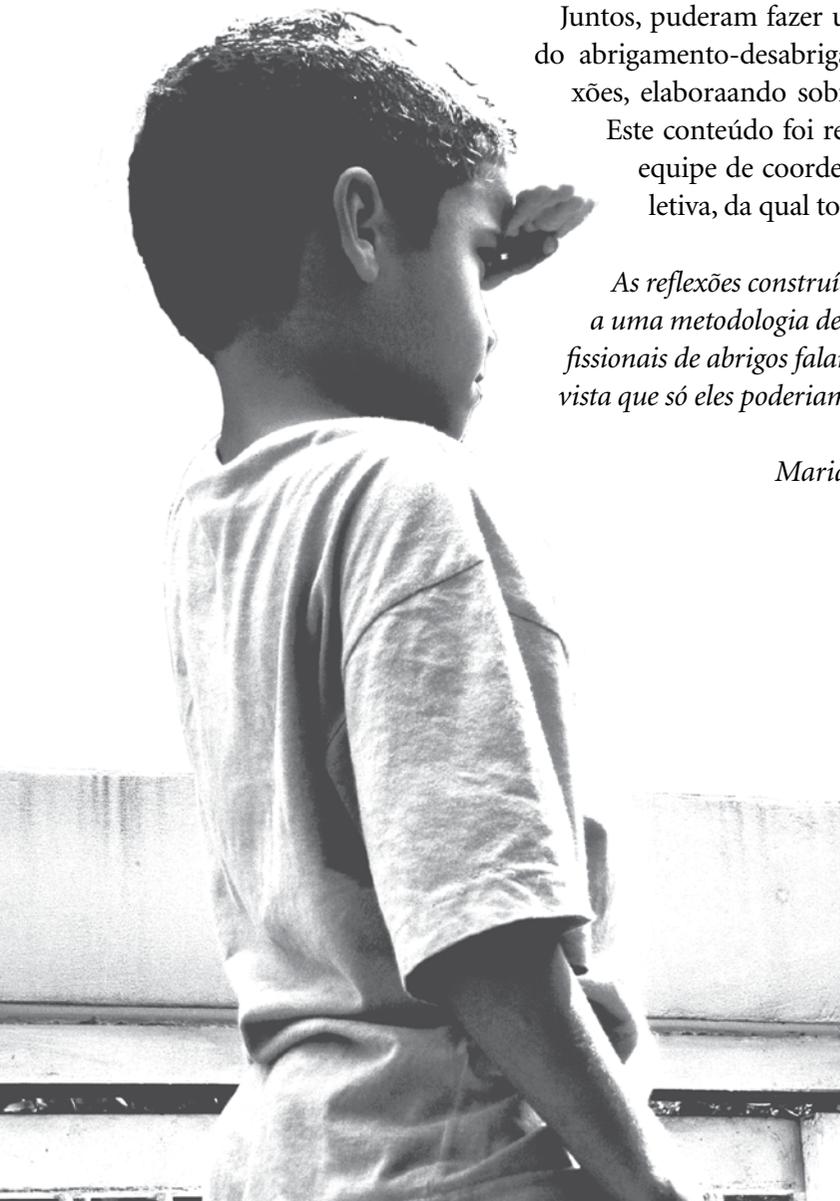
Qual é a melhor forma de conduzir esse momento? Quando se inicia o processo de saída do abrigo? Qual o preparo necessário e os instrumentos importantes para os jovens? Como acompanhá-los após a saída? Estas e muitas outras questões foram colocadas e elaboradas pelo grupo sob coordenação de especialistas do núcleo técnico do Programa<sup>2</sup>. No total, foram sete encontros, nos quais 13 profissionais de seis diferentes abrigos ligados à Rede Abrigar estiveram presentes.

Juntos, puderam fazer uma profunda reflexão sobre o processo do abrigamento-desabrigamento, compartilharam relatos, reflexões, elaborando sobre as experiências vividas no cotidiano.

Este conteúdo foi registrado, sistematizado e analisado pela equipe de coordenadoras, resultando nesta produção coletiva, da qual todos são coautores.

*As reflexões construídas neste grupo só foram possíveis devido a uma metodologia de pesquisa participativa, em que os profissionais de abrigos falaram sobre seu trabalho, de um ponto de vista que só eles poderiam trazer.*

*Maria Lúcia Gulassa, coordenadora do estudo.*



## Perfil dos abrigos representados neste estudo

Todos os abrigos participantes deste processo lidam com jovens que estão emancipando-se para viver na comunidade – muitos sem possibilidade de retorno à família. Apresentam experiências de trabalhos e caminhos diferentes, decorrentes inclusive da própria diversidade de perfis da população atendida:

- população de jovens entre 12 e 18 anos, com um pequeno número de jovens em processo de aquisição da vida social autônoma;
- população de meninas gestantes e com filhos<sup>3</sup>;
- população de jovens com longa permanência em abrigos, que a partir de 16 anos participam de um projeto preparatório para saída da instituição. Após os 18 anos, fazem parte de um projeto de convivência em pequenos grupos, denominados Núcleos Solidários;
- população de meninos e meninas em situação de rua, com histórico de uso de drogas e/ou conflito com a lei;
- população de jovens e mulheres gestantes e com filhos. Cada uma, em seu tempo, conquista um novo espaço para morar com os filhos – algumas chegam a construir suas próprias casas.

<sup>3</sup> Nove meses depois do parto, as jovens podem se inserir na comunidade ou viver mais um tempo num segundo núcleo do abrigo até estarem prontas para assumir sua nova família.

O objetivo inicial do grupo de trabalho foi pensar parâmetros ou indicadores que auxiliassem outros abrigos com jovens de 18 anos, focalizando as discussões na saída do abrigo, no processo de emancipação. Já no início das reflexões, surgiu como imperativo o fato do “desabrigamento” se iniciar na chegada das crianças e adolescentes. Faz parte da saída, todo o processo de abrigamento, sendo os seus princípios, metodologia e concepções, instrumentos fundamentais para a realização da saída e inserção social. O desabrigamento, portanto, precisa ser uma decorrência de um abrigamento de boa qualidade.

## MOVIMENTO DO GRUPO

*Realizamos somente sete encontros. A troca e os debates entre os participantes foram marcantes. No começo, havia aquela inibição comum a todo processo inicial de grupo, mas aos poucos os profissionais foram se soltando, criando vínculos e trazendo suas questões mais profundas, seus dilemas, reflexões, descobertas e conquistas. A confiança foi se estabelecendo entre os presentes, base para o processo de construção de conhecimento em grupo. A troca de experiências foi se intensificando e, além dos debates e reflexões, os profissionais falaram sobre o projeto de seus abrigos. O exercício de se organizar e rever suas concepções, seus objetivos e metodologia foi extraordinário.*

*Maria Lucia Gulassa, coordenadora do grupo*



# capítulo 1

## O QUE É DESABRIGAMENTO?

*“Vimos para discutir o desabrigo e estamos discutindo os afetos e a função do abrigo.”<sup>4</sup>*

4 As frases em destaque no decorrer do texto são de autoria dos participantes do grupo e não haverá a identificação de cada um deles no decorrer do texto, preservando-se assim suas identidades.

Segundo os profissionais, falar da saída do abrigo é falar em enfrentar o novo, sair do conhecido rumo ao desconhecido, tendo de lidar com mudanças no próprio jeito de ser, na própria identidade. Enfrentar novas relações e novas situações significa descobrir novas facetas da sua própria identidade ainda desconhecidas por si mesmo.

Assim, desabrigo significa enfrentar o inusitado, e isto dá medo, às vezes, muito medo.

- Medo de enfrentar um terrível preconceito em relação a você. Preconceito inclusive por ter passado pela instituição.
- Medo de enfrentar o desafio da exclusão-inclusão.
- Medo de enfrentar a solidão.
- Medo de não conseguir se manter financeiramente.

Mas, ainda segundo os profissionais, ao mesmo tempo, o desabrigo pode ser visto de forma mais esperançosa.

- Busca de autonomia. Poder escolher, saber escolher.
- Ser desafiado e desafiar.
- Tomar consciência do medo para enfrentá-lo. Exercitar a coragem.
- Sentir-se ator, protagonista. “Poder ser” de forma independente.
- Lidar com o surgimento de um novo lado de si mesmo.
- Ter um projeto de vida, uma razão de existência, o direito de sonhar e desejar.
- Abrir mão da proteção e assumir a própria vida.

- Desvincular-se para se revincular.
- Sentir a confiança de poder voltar – ir e vir – e ter a garantia de que não haverá outra ruptura, outro abandono. Poder visitar o abrigo, manter o vínculo.

O desabrigamento revela e exige, portanto, maturidade e necessita de condição interna para conquistar recursos pessoais. Representa a conquista de uma nova visão de mundo em que se compreende melhor o próprio processo.

É poder olhar para dentro de si mesmo e para o mundo fora de si. É se localizar numa nova moradia. É ter um trabalho para garantir seu sustento... É tomar posse de si mesmo. É reconstruir vínculos anteriores, construir novos vínculos, exercer cidadania, ganhar um novo pertencimento.

A vida no abrigo, no seu cotidiano, desde a chegada, deve preparar os jovens para este desabrigamento.



## Quando começa o desabrigamento?

Na realidade, o desabrigamento começa quando a criança ou o adolescente chega ao abrigo. É o trabalho de toda a equipe, desde a chegada, com muita qualidade, que proporcionará uma saída adequada.

Todo processo está baseado nos vínculos que são construídos entre as crianças/adolescentes que chegam e os moradores e trabalhadores da casa – crianças e adultos. São construídas novas relações interpessoais e mútuas representações internas.

Quando o novo morador chega, a forma como ele é acolhido e o cuidado referente ao registro de informações, dados e análises configuram o início do processo de busca do projeto de futuro (ou projeto de vida) de cada criança ou jovem.

Quanto mais conhecimento se tem a respeito deles e de suas famílias e quanto melhores as condições para que desenvolvam sua personalidade e autonomia enquanto estão abrigados, mais motivos existirão para que eles acreditem que existe no mundo um lugar para eles e mais eficiente será seu desabrigamento.

## Conhecer as crianças atendidas

Nesse sentido, é importante que o abrigo conheça bem as crianças/adolescentes que atende, analisando as diferenças e semelhanças presentes no seu grupo. Todos os profissionais que participaram do grupo acreditam que as crianças e os adolescentes têm algo forte em comum: **tiveram sua infância roubada**<sup>5</sup>.

5 Alguns autores ressaltam que a infância é inerente ao processo de desenvolvimento humano e nunca poderia ser “roubada”. Neste trabalho, a expressão é usada como alegoria.

De todas as diferenças entre as crianças e os adolescentes, ressalta-se:

- Há aqueles que têm famílias: famílias afetivas com condições de protegê-las. Poderiam mantê-los consigo, mas por estarem em situação de pobreza, sem moradia e alimentação, em risco social, os filhos são enviados para o abrigo. Embora pobreza não seja motivo para abrigamento, estas crianças/adolescentes estão lá, encaminhadas pelas Varas da Infância e pelo Conselho Tutelar. Um desvio da Lei. É a ausência de políticas públicas que os leva aos abrigos e os tira da sua comunidade, de suas famílias.
- Há outros que foram criados em instituições ou vieram de ambientes rurais. São ingênuos, indefesos, frágeis, sem iniciativa, deixam-se usar. São muito fáceis de serem abusados, desrespeitados por qualquer um, mesmo pelos outros parceiros. Às vezes, isto já acontece nas próprias comunidades e famílias.
- Há ainda os que passaram por muitas instituições, viveram nas ruas, são astutos, resistentes, fortes (por fora) e frágeis (por dentro), vividos, sagazes, batalhadores, transgressores, independentes, sofredores, machucados.

O abrigamento de qualidade precisa garantir espaços para que sua população possa se expressar, agir, vincular-se verdadeiramente, imaginar, sonhar com uma vida

melhor, dar-se a conhecer. Dar-se a conhecer quer dizer mostrar também seus conflitos, raivas, ressentimentos, mágoas e angústias. O abrigamento deve proporcionar uma oportunidade para a criança/adolescente ser, re-significar sua história, podendo ser acolhida e também contida pelos educadores.

## Quando termina o abrigamento?

A saída não pode ter hora marcada por um decreto. Mesmo sendo o abrigamento uma medida protetiva provisória, não se pode ignorar que há um processo de vinculação e maturação.

O prazo dos “18 anos” ronda as instituições. Encontrar soluções que respeitem o ritmo de amadurecimento de cada um e a conquista de condições concretas para a saída do jovem é um dos pontos que angustia e desafia.

Há de se cuidar para não deixar o tempo passar, pois o presente e o futuro precisam ser cuidadosamente pensados. Mas as decisões não podem ser externas às vinculações e ao objetivo traçado. A saída é resultante de um processo, de amadurecimento, precisa de um tempo para acontecer. Não pode ser impessoal e burocrática – e não segue um relógio único para todos os jovens.

## HORA CERTA

*Ela chegou com 16 anos, grávida, envolvida com drogas, tinha um filho em outro abrigo. Foi uma luta de todos nós. Livrou-se da droga, teve o bebê, recuperou o outro filho. Aos 19 anos, estava se preparando para assumir a vida fora, mas ainda não estava pronta. No entanto, a supervisão do financiador pressionava a casa para que a jovem saísse, fosse para um albergue, para liberar a vaga.*

*Claudia Magalhães, Associação Santa Fé.*

## Construindo o percurso

De maneira geral, pode-se dizer que o processo abrigamento-desabrigamento começa já na acolhida, na *Chegada ao Abrigo*. Segue no dia a dia do *Convívio* – quando, de diferentes maneiras, deve-se favorecer a autonomia e a construção de um projeto de vida. Em determinado momento, os próprios meninos e meninas começam a dar sinais de que precisam de novas possibilidades. São os *Sinais de Mudança*, manifestos numa fase de *Transgressão*. É hora de a equipe fortalecer suas novas escolhas e novas redes de relações desses jovens.



Começa então a preparação concreta para uma vida autônoma, o momento da *Saída do Abrigo*. E a saída não deve ser uma ruptura abrupta, e sim uma transição, na qual o vínculo afetivo pode e deve permanecer. É, portanto, necessário um trabalho atento de *Acompanhamento*.

### Da acolhida à saída: construção de vínculos e autonomia

Chegando ao abrigo	Convívio	Sinais de mudança – Transgressão <sup>6</sup>	Saindo do abrigo	Acompanhamento
Chegar. Estar.	Conquistar ferramentas necessárias para a autonomia.	Quando os jovens começam a reivindicar para si decisões e escolhas, por exemplo: gerir seu próprio dinheiro, horários de saída e chegada.	Quando o jovem demonstra investimento nos próprios projetos.	Rede (de sobrevivência). Relações. Inserir é sempre um movimento. Não termina. Vínculo não acaba...
Acolhida.	Resgatar capacidade de sonhar, pensar, fazer, desejar.	Questionamento e transgressão das regras. Ataque aos vínculos, aos valores do abrigo.	Quando surgem as escolhas, as parcerias, as oportunidades de trabalho, moradia etc.	Apoio mútuo, solidário.
Começo do projeto de vida.	Re-significar.	Cuidar para não endurcer ou expulsar.	Quando o jovem se sentir pronto. Emancipação como conclusão mútua.	Construindo uma (nova) família.
Vincular-se.	Confiar.	Vislumbrar novas possibilidades. Reorientar investimentos pessoais. Momento para se abrir a novos caminhos.		Localizar-se.
Dar-se a conhecer.		Projetar. Sonhar. Pensar. Fazer.		Conquista de alternativa de trabalho/moradia.
			Ir, vir, ir, vir.	

<sup>6</sup> A expressão “transgressão” significa neste trabalho movimento de oposição, questionamento, rebeldia... tantas vezes percebido na adolescência.





## capítulo 2

# O ABRIGO COMO POSSIBILIDADE

Os abrigos precisam desenvolver um projeto que torne seu caminho possível de ser conscientemente conduzido; precisam ter claro o perfil da população que atendem; precisam de recursos, ambientes e profissionais adequados. É o projeto político pedagógico que anunciará a qualidade do trabalho.

*“Precisamos fazer nosso projeto político-pedagógico com muita clareza.”*

Este aspecto provoca uma polêmica: os abrigos podem elaborar seu próprio projeto? Podem não aceitar crianças quando não têm possibilidade de atendê-las? Algumas crianças, com questões específicas, não deveriam ser acolhidas no mesmo espaço e ocasião que outras, a não ser que houvesse recursos que possibilitassem dar atenção a cada uma delas. Acreditamos na necessidade de uma política de abrigamento para que os abrigos não se tornem depósitos de indivíduos que não podem ser atendidos pela comunidade.

Um projeto bem desenhado precisa ser conhecido e respeitado na sua condição de atendimento. Precisa ter forte intencionalidade, participação da equipe na sua elaboração e seleção adequada de profissionais.

Os abrigos precisam de educadores preparados, de uma estrutura afetiva consistente e de uma metodologia para lidar com as especificidades da sua população, em especial a dos meninos e das meninas mais sofridos, como os que viveram na rua ou sofreram maus-tratos.

*O abrigo, como ambiente coletivo, é uma possibilidade para o desenvolvimento da criança ou do adolescente, mas não é uma família.*

## O que é um bom abrigo?

O abrigo deve oferecer um acolhimento aconchegante que é chamado de familiar, mas apresentar uma estrutura de organização diferente da família. É uma comunidade gerida por vários adultos profissionais. Às vezes, mostra-se como única alternativa para algumas crianças/adolescentes, principalmente os maiores, que encontram dificuldades para serem inseridos em outra família que não a sua. A história de separação vivida por eles traz sentimentos muito intensos: costumam se sentir rejeitados e rejeitam; sentem-se agredidos e agredem. Necessitam de um ambiente educacional especializado, que possa acolhê-los com todos seus sentimentos.

A experiência do abrigo precisa ser explicável e compreensível. É isto que a profissionaliza. A naturalidade, a espontaneidade e a afetividade têm lugar no abrigo, mas não devem substituir o aspecto técnico-científico, e sim complementá-lo. Ao se estruturar os processos, tem-se clareza do que se está fazendo. Constroem-se parâmetros e metodologia para poder explicar o que se faz e por que se faz. Construindo conhecimento sobre a prática e apropriando-se da metodologia, constrói-se o projeto pedagógico.

Quando não se tem clareza do projeto, pode-se, sem ter consciência, desviar-se dele e sabotar objetivos importantes. Por exemplo, ao desenvolver uma relação muito forte com os jovens, o que é considerado necessário e positivo, pode-se, sem perceber, manter o jovem no abrigo, boicotando sua autonomia. Por outro lado, em um movimento inverso, o educador pode tender a expulsá-lo em momentos de crise. O educador precisa estar em constante reflexão, percebendo seus próprios sentimentos e emoções, e lembrando o propósito de suas ações.

## Qual é o papel do abrigo na visão dos profissionais que ali trabalham

Entre os diversos desafios que o abrigo enfrenta, um dos principais é deixar claro seu papel, ou seja, deve:

- permitir que o abrigo, embora temporário, seja vivido intensamente;
- olhar o jovem como sujeito único;
- criar oportunidades para que os jovens ocupem espaços no mundo, de acordo com suas escolhas;
- acolher as dificuldades das crianças/adolescentes, buscando compreender seus motivos, para que possam ser enfrentadas;
- apoiar os pequenos progressos diários dos meninos e meninas;
- acreditar que a vida é possível de ser transformada, por mais difícil que seja;
- constituir-se em um lugar propício para criar redes, especialmente entre os próprios parceiros;
- criar oportunidades para a elaboração da intimidade;
- criar oportunidades para a construção da autonomia do jovem dentro do abrigo;
- propiciar relações de cumplicidade entre os jovens e a equipe de educadores;
- possibilitar uma referência sadia para os jovens: de alguém que acolhe, que tem uma linguagem diferente da violência;
- proporcionar uma relação sincera com os jovens;
- Ter educadores com capacidade de escuta e de respeito muito desenvolvida e ampliada. Precisa desenvolver transparência, cumplicidade.
- precisa haver espaço para que as “loucuras” apareçam e possam ser contidas. os conflitos fazem parte da relação entre o educador e o jovem.

*A gente abriga num momento de crise, num momento de chuva, então eu coloco a criança embaixo do guarda-chuva e protejo. Mas no dia seguinte, na semana seguinte ou no ano seguinte, eu vou ter que tirá-la do guarda-chuva e falar: agora é sol. Mas o guarda-chuva está ali. Quando você precisar é só abrir... Janáina Medeiros, Fundação Francisca Franco  
Depoimento de uma coordenadora de abrigo.*

## **NEM SEMPRE CONSEGUIMOS**

*“Recebemos um adolescente que teve três rejeições: primeiro, dos pais; logo, de uma primeira família substituta e, depois, de outra família substituta. Então, veio para o abrigo. Ele vivia sempre se arriscando. Foi fazer um pequeno assalto, pôs a mão na jaqueta e disse: “Passa a grana!” A pessoa era um investigador de polícia que reagiu e deu um tiro à queima-roupa na boca dele. Foi o fim. Qual ingrediente faltou no nosso trabalho de educadores? Na verdade, não damos conta de tudo. Precisamos estabelecer uma parceria com o jovem. E os dois lados precisam participar desse processo de mudança.”  
Mariano Gaioski, Educandário Dom Duarte – Projeto Passos*

## Entre o espaço público e o privado

*“O abrigo parece ser um espaço público com cara de privado.”*

*Depoimento de um coordenador de abrigo*

O abrigo vive muitas contradições. É importante entendê-las para poder lidar com elas ou mesmo suportá-las. A contradição entre o espaço público e o privado é sempre tema de debates. As conquistas internas em relação ao progresso das crianças, adolescentes e dos jovens implicam negociações nem sempre inteligíveis para os que estão do lado de fora. Essas negociações trazem aspectos subjetivos duramente conquistados na relação entre a criança/adolescentes e o educador, e a intervenção do fiscalizador de fora pode ser tóxica se não observar e dialogar cuidadosamente com os profissionais envolvidos.

Há muitas fiscalizações nos abrigos que às vezes são arbitrárias e contraditórias, com poder de colocar o abrigo em situação de submissão, deixando-o sem possibilidade de autonomia, solapando seu trabalho.

## O invisível

*“Muitas vezes nosso papel não corresponde ao que os outros esperam. O meu diálogo com a criança pode ter significados muito específicos. Fazemos negociações que correspondem a uma história muito pessoal. Quem está de fora não consegue entender e, às vezes, destrói uma negociação que vem sendo realizada a duras penas.”* Depoimento de um coordenador de abrigo

## O abrigo e a família como espaço de desenvolvimento

Quais as diferenças e as semelhanças entre o abrigo e a família? O que é ser pai e mãe e o que é ser educador social? Deve o abrigo simular a estrutura da família e os papéis de pai e mãe? Ou o abrigo pode ter outra estrutura, também eficiente, com educadores sociais que desempenham papel afetivo materno e paterno sem se colocarem no lugar de pai e mãe? Neste debate, surgem dois movimentos principais: encontrar as semelhanças entre estes dois papéis e encontrar as diferenças.

Focalizando-se o educador social, na busca das semelhanças com a família, encontramos o desejo de garantir o afeto, a privacidade, a intimidade, a constância. Na busca das diferenças, está o desejo de garantir o distanciamento adequado, a manutenção da intencionalidade e do foco educacional, a qualidade da relação e do profissionalismo.

No quadro a seguir, uma reflexão compara o imaginário deste grupo quanto ao papel do abrigo e o papel da família:

## ABRIGO

O abrigo não pretende substituir a família. Tem como uma de suas principais funções incentivar o vínculo da criança com seu grupo, sua família nuclear e extensa. Pretende proteger e apoiar a criança e o adolescente no momento de crise familiar e contribuir para que eles adquiram ferramentas que os levem a ter melhores condições de vida, projeto de futuro e de cidadania.

O abrigo tem um tempo determinado e definido para agir, o que faz muita diferença. Ele não deve perder seu foco seguindo o ritmo natural das coisas. Precisa construir junto à criança, ao adolescente e à família um projeto de futuro.

O abrigo tem uma intencionalidade e, para tal, precisa trabalhar com profissionalismo, ter uma equipe preparada, capacitada. Há atitudes que não podem ser tomadas, por exemplo, utilizar meios violentos para educar, mentir, enganar, prometer e não cumprir etc. As consequências de suas ações precisam estar claras.

O abrigo recebe crianças e adolescentes em diferentes momentos e com diferentes histórias. Precisa acolhê-los e trabalhar com a diversidade e a complexidade. O próprio abrigamento implica, necessariamente, ruptura, o que gera dor neles.

O abrigo está submetido a exigências e pressões de diversos órgãos supervisores e fiscalizadores. Recebe muitos olhares que podem, às vezes, ser conflitantes. Dessa forma, precisa de capacitação para dialogar com as pressões do cotidiano e com as fiscalizações constantes.

O abrigo precisa aprender a respeitar a criança, o adolescente e as famílias. Não pode determinar sozinho suas vidas. Deve estar aberto para as mais diferentes escolhas e formas de ser, e pronto para apoiar, sugerir, opinar ou intervir quando necessário.

## FAMÍLIA

A família desenvolve o vínculo com os filhos de forma intuitiva. Idealmente, procura protegê-los e dar a eles o melhor que pode.

A família que tem filhos no abrigo vive uma situação de vulnerabilidade de alta complexidade, o que gera a transferência dos cuidados dos filhos ao abrigo. Precisa ser apoiada pelo abrigo para recuperar seu papel protetor

A família não tem um tempo determinado para educar ou ficar com os filhos. Hoje, é comum permanecer com os filhos mais tempo em casa, até que estes consigam se emancipar.

A família age de forma natural, intuitiva, subjetiva. Não tem uma intencionalidade clara. Suas atitudes, quando inadequadas, têm muito tempo e lastro para serem consertadas.

A família, em geral, concebe a criança antes mesmo de ela nascer. Assim, ela nasce num contexto e em uma condição histórica, biológica e familiar predefinida. Em momentos mais difíceis, a família pode precisar de auxílio profissional para manter sua capacidade de proteção.

Há uma ideologia cultural do que é ser pai e mãe, que eles seguem, em geral, de forma intuitiva e de acordo com as próprias concepções. Dessa forma, são mais livres para exercer sua autoridade sobre a criança e o adolescente.

Comumente, os pais influenciam bastante seus filhos, podendo ser assertivos em relação a decisões de suas vidas. Espera-se que façam isto, mas precisam também ser flexíveis para aceitar as mudanças que as gerações trazem e as escolhas pessoais de cada um deles.

O abrigo vem mudando sua estrutura. Conta com adultos capazes de exercer a função materna e paterna, sem confundí-la com a de pai e mãe. O educador acolhe e dá limites, faz parcerias e previsões. Há toda uma equipe envolvida nos cuidados e na educação da criança e do adolescente.

A função fraterna é amplamente desenvolvida no abrigo. Os parceiros no abrigo podem ser o grupo de pertencimento daqueles que não têm família e também daqueles que estão afastados dela.

A família está mudando sua configuração. É composta pelos elementos presentes, que podem ser o pai e a mãe, um deles apenas ou outros parentes. São adultos com possibilidade de dar continuidade e limites.

Os irmãos têm na família um papel importante, sendo também capazes de proteger e de apoiar.

## Qual é o papel do educador

### No abrigo, ser profissional não é oposto de ser afetivo

Embora o abrigo constitua-se num sistema de cuidados profissional, precisa ser um espaço afetivo. É condição básica para o profissional do abrigo ser afetivo, sabendo que os afetos se diferenciam de uma pessoa para outra e mudam no decorrer do tempo e dos contextos. Esta é uma premissa que deve nortear o trabalho.

Por outro lado, o afeto não deve estimular a dependência, e sim promover a autonomia.

É importante haver forte intencionalidade no trabalho do educador social, para que a criança e o adolescente desenvolvam o sentimento de pertencimento a diversos grupos. É importante perceber quais são suas reais necessidades, para poder elaborar um plano de saída consistente, bem acompanhado e processual.

Segundo os profissionais, o educador tem um papel muitas vezes maior do que pensa.

### Importância da formação

- Quanto mais claro o projeto político-pedagógico, mais fácil o processo de seleção e de formação da equipe.
- É importante que o processo de formação dos profissionais do abrigo seja constante e contínuo.
- No processo de formação, os educadores não são “vazios”. Cada um tem uma história cheia de conhecimentos que agrega e compõe seu papel profissional.
- O profissional tem de ter capacidade de lidar com o sofrimento. É de vital importância selecionar e formar profissionais para que possam suportar a dor.

- É essencial que a equipe tenha um espaço de supervisão: poder dividir as angústias, distanciar-se do cotidiano e das próprias emoções, visando um olhar reflexivo sobre o próprio trabalho e ações bem pensadas e consistentes.

*“Aceitar que temos limites é fundamental para o educador e para o abrigo. Às vezes tentamos tudo, mas não damos conta.”*

*“Temos que construir um ambiente que potencialize o amor. Mas temos que permitir que outras emoções também se manifestem. Amor e raiva fazem parte das relações.”*

O educador deseja o melhor para o jovem, mas muitas vezes ele tem sonhos e vontades diferentes das esperadas pelo adulto que a acompanha. É necessário dar espaço ao jovem para que encontre suas próprias respostas. Em vez de esperar que o jovem “se comporte”, é importante garantir que ele encontre saídas novas, e não que se adapte ao inadaptável.

*“Às vezes achamos que eles não estão reagindo à nossa intervenção. De repente algo acontece e eles mostram um lado que não estávamos vendo. É importante estarmos abertos para as surpresas, o inusitado.”*

## “PODEROSAS”

*“Acabamos de receber duas princesas, que moravam na Casa da Juventude. Duas irmãs, poderosíssimas. Uma delas, com quatro filhos. Chegaram num momento que tínhamos muitas meninas de 13, 14 anos, abusadas, com gestações de risco. Quando elas chegaram, pensei: ‘Que bom’. Estávamos precisando de umas jovens assim. Não são florzinhas, são combativas, questionam. Ocuparam um espaço, ofereceram possibilidade de vida. Elas têm um papel importante: mostrar decisão, ir para frente. Foi muito importante para nós que elas chegassem. Talvez a gente necessitasse mais delas do que elas da gente.”*

*Depoimento de uma coordenadora de abrigo.*

Os meninos e as meninas são capazes de delinear seus próprios caminhos, ainda que diferentes dos quais os educadores sonharam ou planejaram para eles. Precisamos acreditar nas suas escolhas.

*“Desejosos de serem ouvidos, os jovens estão nos dizendo: ‘Faça sua parte que eu faço a minha’. Nós somos os facilitadores. Quanto mais o tempo passa, mais nos tornamos humildes e acreditamos neles. O tempo todo eles nos ensinam.”*

## Metamorfose

Cada vez mais acredito que o caminho é uma rede de solidariedade e apoio entre os próprios jovens. Vou dar um exemplo: no começo deste ano, estávamos com um jovem, do qual eu estava desistindo. Eu cheguei a dizer: “Dia 28 de fevereiro é teu último dia no abrigo”. Não dava mais: ele não aceitava fazer tratamento para depressão; dormia até tarde do dia; não trabalhava, não estudava... No fim de semana, era só balada.

Mas, duas semanas antes dessa data, dois meninos se atracaram por bobagem. Eu segurei um deles. Então ele veio, agarrou esse menino, levou para o quarto. Eu fiquei assustado, pois o outro era muito forte, estava treinando boxe. Mas ele jogou o que estava brigando na cama e disse: ‘Meu! Presta bem atenção no que você está fazendo. Nós, aqui, temos que cuidar de nós mesmos. Não temos mais ninguém. Você não aprendeu nada? Não cresceu?’ Dali a pouco, eles estavam os dois sentados, abraçados, chorando. Eu ali do lado, só observando. Depois de uma hora, entrou o outro menino da briga e começou uma conversa.

No final, eu falei com o que tinha provocado: ‘Você prestou atenção no que teus colegas falaram para você? Entendeu? Então, está bem’. Fui então conversar com o primeiro e falei: ‘Eu consegui ver em você algo que não estava vendo. Você tem grandes qualidades. Eu vou repensar sua saída’. Trocamos algumas ideias. Dias depois, surgiu uma oportunidade de trabalho e decidi apresentá-lo. Arrisquei. Três dias depois, ele veio dizer que nasceu para esse trabalho. Não está sendo totalmente tranquilo, mas ele está se sustentando. Acho que foi essencial ele ter a possibilidade de gritar. Ter o seu tempo de loucura. Ele está se reconstruindo internamente.

*Mariano Gaioski, Educandário Dom Duarte – Projeto Passos.*





## capítulo 3

# BINÔMIO ESSENCIAL: VÍNCULO E AUTONOMIA

*“Educar é dar significado aos atos do cotidiano.”*

*Paulo Freire*

Desde que a criança ou o adolescente chega ao abrigo, a forma de acolher, o cuidado com seu espaço e seus pertences, a forma de ouvi-lo, o interesse pela sua história e o respeito pela sua família são posturas que mostram que ele tem um significado especial neste lugar. Ao mesmo tempo, receber quem chega e incentivar a relação entre ele e os colegas são funções de quem está no abrigo.

Depois da acolhida, a conquista de vínculos e da autonomia é uma busca constante no trabalho do abrigo. Não está restrita a um momento ou a uma atividade em especial, e sim presente em toda rotina da instituição. Por meio dos vínculos, a criança e o adolescente criam a oportunidade de se identificar, de se perceber: “Eu sou como você, eu sinto como você”. Na autonomia, por sua vez, há um movimento de diferenciação, eles se percebem diferentes, querem ser diferente.

Ambos os movimentos (vinculação e autonomia) são importantes e complementares: quanto maiores vínculos, mais a criança e o adolescente se fortalecem e vão ganhando autonomia. O papel do abrigo é fundamental no desenvolvimento dessas duas capacidades.

## NOVA IMAGEM DE SI

*“Recebemos a notícia de que ia chegar um novo menino. Fizemos uma mesa com bolo, café e ficamos esperando. Ele chegou, acompanhado pela assistente social, que logo disse: “Aqui está o menino, o nome dele é tal. Ele é muito bonzinho, mas muito limitadinho, coitadinho”. Eu logo cortei: “A senhora aceita um bolo, um café?” Por dentro, senti o que o menino sentiu com aquele comentário. A assistente social respondeu: “Ah, ótimo, muito obrigada. Mas, como estava dizendo, ele é muito bonzinho, mas é meio limitadinho”. Ela foi embora e eu fiquei com o menino, pensando que tinha que reverter essa introdução tão ruim. Então eu disse: “qui é sua casa. Vamos andar...” Passamos pela sala, pela cozinha, achamos um quarto legal para ele ficar. E completei: “Fique uma semana, bem tranquilo. Veja se você gosta de morar aqui. O que você gosta, não gosta, como você está se sentindo”. Não me preocupei em mostrar horários, regras. Não segui os procedimentos. E ele ficou. Foi um investimento intenso nosso e dele, sempre fortalecendo a identidade e a autoestima. Um dia ele conseguiu um trabalho, depois indicou amigos, superou todas as nossas expectativas. Hoje está casado, tem uma casa organizada. Um show! O que será que favorece ao jovem construir esse processo? É um encontro. Uma parceria que se estabelece.”*

*Depoimento de um coordenador de abrigo.*

Há crianças e adolescentes que já tiveram muitas vivências importantes e significativas, e chegam ao abrigo parecendo bastante independentes. Por outro lado, mostram dificuldade em permanecer, persistir, vincular-se e, muitas vezes, aprendem que tudo é descartável. Eles precisam de oportunidades para se organizar e integrar as próprias experiências, aprendendo a acreditar, a confiar, a se vincular e a persistir.

Se o objetivo do abrigo é a conquista da autonomia, emancipação e cidadania, entender estes conceitos em profundidade possibilita promover tal vivência. Discutir autonomia em toda sua complexidade mostra-se essencial.

## O que é autonomia para este grupo de profissionais?

- A autonomia é uma conquista, não algo dado. É desenvolver recursos para viver por si mesmo. Poder gerir sua própria vida, sendo capaz de fazer escolhas e tomar decisões. É poder desejar e assumir o próprio desejo.
- É conseguir se expor e aceitar todos os seus lados, podendo aceitá-los e integrá-los. É não ter vergonha de ser e poder ser diferente.
- É aprender a se diferenciar do outro para então fazer parcerias. Ter autonomia é poder participar da cultura, construir seu espaço, adquirir os códigos da sociedade.

## Para além do abrigo, uma rede de parceiros

*“Para educar uma criança, é preciso toda uma aldeia.”*

*Tradição africana.*

O abrigo deve auxiliar a criança ou o adolescente a adquirir autonomia dando-lhes instrumentos. Para isso, é necessário escutá-los e ajudá-los a tomar consciência de si e do seu caminho.

Ao mesmo tempo, o abrigo precisa cuidar para não ser onipotente ou totalizante. Não pode pretender conter sozinho todos os recursos de auxílio à criança ou ao adolescente. Para desenvolver sua autonomia, o jovem necessita de outros parceiros, outros atores sociais, que fazem parte de sua rede de apoio. Esta é a característica de incompletude do abrigo.

Sem ser onipotente, o abrigo tem uma importante capacidade de ação. Pode ser um facilitador da autonomia.

## Autonomia do próprio abrigo

Para ouvir, escutar e apoiar o jovem em seu caminho, o abrigo precisa estar fortalecido e buscar um desenvolvimento constante. É importante que ele seja ousado, criativo e autônomo na busca dos objetivos de conter, apoiar e auxiliar o jovem na sua busca pessoal. Para isso, o abrigo tem de aprender a formar redes de trabalho articulando diversos campos de saberes e práticas. Necessita escolher e definir sua metodologia de trabalho e, com base nela, criar novas saídas e apostar nas escolhas dos jovens.

Paralelamente, é importante que os órgãos fiscalizadores mantenham o diálogo constante com os abrigos, instrumentalizando-os, capacitando-os, supervisionando-os, trabalhando e refletindo. Uma atitude de parceria coloca ambos em contato para refletir e buscar saídas para as situações enfrentadas.

*“Alguns abrigos têm muito boa relação com os órgãos supervisores: discutem os casos, buscam soluções conjuntas, há respeito mútuo e uma boa relação de parceria.”*

## Ferramentas essenciais para a conquista da autonomia no abrigo

A existência de práticas que auxiliam na conquista da autonomia devem ser encaradas como uma metodologia cotidiana no abrigo. A seguir, algumas possibilidades consideradas essenciais na rotina do abrigo.

- Zelar pelo acolhimento – considera-se a chegada da criança e do adolescente no abrigo um momento importante, de carinho, afeto e delicadeza. A recepção deve ser conduzida não só pelos educadores, como também pelas crianças e jovens. Preparam-se as pessoas e a casa para recebê-los de forma acolhedora – eles são esperados e recepcionados. Demonstra-se, por meio de gestos e da arrumação do espaço físico, que o recém-chegado é desejado. Apresentam-se a ele as outras crianças ou adolescentes moradores da casa e os integrantes da equipe. Em vez de esperar a criança e o adolescente chegarem, o abrigo pode ir buscá-los onde estão, levando junto outra criança um pouco mais velha que possa ajudar a acolhê-los. Outra possibilidade é cada morador preparar um presente para o recém-chegado: pode ser um brinquedo seu, um doce, uma pedrinha, uma bolinha de gude, um desenho, um suco.
- Permitir e promover a consciência de si e trabalhar no projeto de vida desde o momento da chegada – proporcionar experiências para que a criança ou o adolescente adquira consciência de si, perceba quem é, como é, o que gosta, o que deseja, o que é capaz, o que conquistou, o que mudou. Constrói-se com ele(a) uma hipótese de futuro, um projeto de vida, segundo suas capacidades, dotes, qualidades, possibilidades. Incentivam-se as iniciativas pessoais.
- Resgatar e valorizar a história de vida de cada um – é essencial a busca por informações sobre a vida da criança ou do adolescente que chega e o resgate da história pessoal com a participação do jovem. Pode-se utilizar atividades e conversas que possibilitem o resgate e a reflexão sobre a própria história, ajudando na apropriação dela. Utilizam-se recursos de apoio para resgate e registro da história de vida, como um livro de memórias, um álbum fotográfico etc. para recontar o passado, dar novos significados às vivências e pensar sobre o futuro.
- Valorizar a singularidade – cada um é único desde que chega ao abrigo. Ele deveria receber um kit com objetos pessoais e ter um espaço individual para colocar suas coisas. Mantém-se a individualidade na escolha dos armários, roupas, álbuns de fotografia, memorial. Além disso, é importante um prontuário ou pasta individual com documentação e informações sobre família, saúde, educação, entrevistas etc... Todos devem conhecê-lo pelo nome, além do apelido,

se existir. As habilidades e competências individuais devem ser valorizadas.

- Manter espaço aberto e contínuo para diálogo e participação – a criação de espaços de expressão, discussão, escuta, compreensão dos conflitos, assembleias, grupos de fala, rodas de conversa e participação na confecção das regras da casa são algumas atitudes importantes. Dessa forma, solicita-se ao jovem sua adesão e participação na gestão e organização da casa, nas tarefas diárias, nos afazeres cotidianos.
- Construir uma relação de parceria entre a equipe de educadores e o jovem – há preocupação de que, embora afetuosa, esta relação não seja assistencialista, paternalista e marcada por excesso de proteção. Busca-se a corresponsabilidade e a autonomia nos atos cotidianos. Pede-se ao jovem sua adesão para a maioria das atividades e propostas, inclusive no que diz respeito à sua entrada ou permanência na casa. A criança ou o adolescente deve estar sempre optando, escolhendo, decidindo.
- Observação sempre atenta – é preciso desenvolver entre os educadores o hábito de observar, registrar e discutir em equipe tudo o que acontece no abrigo. É importante aprender a ouvir o que não é dito.
- Estimular interesse pelo conhecimento, motivação para experimentar, abertura para acertar, errar e criar novas saídas – estimula-se a curiosidade, a criatividade, o interesse pelo conhecimento e o aprender a aprender. Permite-se a vivência de situações novas e o erro, que é considerado um caminho para o aprendizado. Apoiam-se e valorizam-se as iniciativas pessoais. Incentiva-se cada decisão positiva tomada. Acompanha-se a vida escolar, o desenvolvimento do pensamento, da expressão. Nas convivências grupais, aprende-se a lidar com acertos e erros.
- Incentivar a vida fora do abrigo – os vínculos de afeto e pertencimento devem ser fortalecidos nas crianças e nos adolescentes, ampliando-se seu universo para fora do abrigo: amigos, família (quando houver), escola, cursos, lazer. Promovem-se amizades, telefonemas, visitas, passeios. Além das relações, o jovem deve adquirir “instrumentos” para a vida no mundo, para além da proteção do abrigo: aprender a lidar com dinheiro, conseguir se locomover pela cidade, saber acessar os serviços públicos etc.
- Cuidado para não estigmatizar – evita-se colocar placa na frente do abrigo ou identificação no veículo que transporta os jovens, ações que ajudam a evitar a estigmatização deles. Evita-se também chamá-los de “internos” ou “abrigados”, já que são crianças ou adolescentes como outros quaisquer.
- O lúdico é essencial, o espaço para jogos e brincadeiras – utiliza-se o lúdico, o brincar e a imaginação como instrumentos educacionais, como formas de transformar a realidade. 🧸

## EM BUSCA DO DESEJO

“Ele chegou ao abrigo com 16 anos de idade, encaminhado pelo Conselho Tutelar do município para o acompanhamento de questões relacionadas à vivência nas ruas, ao uso de substâncias psicoativas, prostituição e pequenos furtos. Apresentava também um histórico de sofrimento por preconceito, pois é homossexual, tanto em outros abrigos onde foi acolhido, quanto pelos seus familiares.

Ele só conhecia sua mãe e mantinha raros contatos com ela, pois esta dizia que preferia vê-lo na Febem do que aceitar sua escolha sexual. Até então, ele tinha pequenas experiências de trabalho informal como garçom e frequentou até a sexta série.

Desde o acolhimento, manifestou o desejo de trabalhar em restaurantes e, a partir daí, fez um contrato com a técnica e o educador. Dizia que seu maior desejo era trabalhar num hotel ou restaurante servindo pessoas.

A primeira providência da equipe foi regularizar sua documentação e fazer sua matrícula em uma escola de Ensino Supletivo, que oferecia disciplinas por módulos. À medida que foi apresentando real interesse pelos estudos, foi matriculado também num curso de educação profissional na área de seu interesse, em uma ONG. Porém, para que isto fosse possível, se comprometeu a acelerar seus estudos no supletivo, pois não tinha a escolaridade suficiente exigida.

Empenhou-se, conseguiu avançar em sua escolarização e foi encaminhado para trabalhar em um hotel, considerado um dos melhores do Brasil. Nesta mesma ONG, foi um dos contemplados para fazer um curso de gastronomia na Itália.

Esta trajetória, de busca e realização de seus desejos, alternou momentos de entusiasmo e desânimo, pois o empenho e a dedicação eram desafios a serem vencidos a cada dia, a cada etapa.”

Regina M. B. S. B. Pinheiro





## capítulo 4

# TRANSGRESSÃO FAZ PARTE

*“É necessário ter imaginação para encontrar a realidade.”*

*Depoimento de uma coordenadora de abrigo*

Para os educadores, o processo de desenvolvimento dos jovens apresenta uma marca bastante desafiadora: a transgressão. É quando os jovens se rebelam, vão contra as regras do abrigo, dos adultos, do mundo. Estes momentos podem acontecer por eles estarem revoltados contra a situação em que se encontram, ou por terem vivido perdas importantes, ou por se sentirem contrariados, humilhados, roubados. Atacam por ser uma forma mais valente de reagir, mais poderosa do que se encolher e chorar.

A transgressão também surge como uma característica típica da adolescência. É o momento em que o jovem quer seguir seu caminho, ser dono de si mesmo, decidir sua própria vida.

Saber lidar com a transgressão como parte do projeto educativo é um grande desafio. É um momento de conter a raiva, de colocar limites, mas ao mesmo tempo de ouvi-los muito, de usar métodos para transformar a violência em palavras, de fazer com que a emoção dê lugar à razão. Todas as ações do abrigo buscam entender o que está acontecendo para aumentar a consciência da criança e do ado-

lescente sobre de si mesmo e sobre a sua situação. Muitas vezes a transgressão está comunicando algo que os jovens não querem dizer ou não sabem como dizer.

Num espaço coletivo, é necessário permitir que os jovens coloquem suas necessidades e façam parte da decisão das regras, sempre que possível. A partir daí, as regras também precisam ser mantidas, bem como a abertura para mudá-las quando se percebe que as transformações propostas são importantes.

É colocando as emoções em palavras, tomando consciência e verbalizando os sentimentos que a transgressão se transforma em participação.

*“Os educadores deveriam compreender melhor que a rebeldia, afinal, faz parte do processo de autonomia, quer dizer, não é possível ser sem rebeldia. O grande problema está em como amorosamente dar sentido produtivo, dar sentido criador ao ato rebelde. A liberdade precisa de limites, a autoridade inclusive tem a tarefa de propor limites, mas ao propor limites propõe-se a ética do limite, que traz o seu significado.” Paulo Freire, 2001.*

## Ferramentas para lidar com a transgressão

São várias ações que podem ser trabalhadas de forma integrada, transformando a transgressão em participação.

- Postura de acolhimento e respeito. A postura do educador ao conter a raiva diante da transgressão mostra o quanto o jovem é importante e querido.
- Transmitir confiança na capacidade do jovem de superação da dificuldade e da sua possibilidade de recomeçar.
- Apoiar constantemente o processo de individualização ao manter a escuta individual em todas as circunstâncias.
- Avaliar continuamente com o jovem suas escolhas e atitudes.
- Possibilitar ao jovem que entre em contato com sua realidade interior e externa.
- Apostar nas potencialidades permitindo a descoberta de novas propostas.
- Apresentar-se como aliado (o educador) aumentando a confiança recíproca.
- Responsabilizar, possibilitar, permitir e apoiar são intervenções educativas fundamentais. A noção dos limites traz consequências aos atos. A constante reflexão sobre os acontecimentos favorece processos de aprendizagem e responsabilidade, transmitem segurança, consistência e coerência por parte do educador e da equipe.
- Gerar espaço coletivo possibilita ao jovem assumir responsabilidade pelo que faz junto ao grupo e aceitar orientações por meio de participação coletiva.
- Estimular a palavra, promover grupos de fala e assembleias, garantir espaço para dialogar, ouvir e (re) negociar acordos.
- Cuidar do educador significa criar espaços próprios para o educador lidar com seus sentimentos, conflitos, amores e raivas. 🐾



## capítulo 5

### EM BUSCA DE UM PROJETO DE VIDA

Durante todo o processo de acolhida, a construção de um projeto de vida é a principal linha de ação do abrigo no trabalho com cada um dos adolescentes. O plano individual de atendimento é pensado e construído junto com cada um, buscando-se hipóteses para seu futuro.

Ao se retomar a história de vida, a esperança e o desejo, projeta-se uma possibilidade de futuro. Porém, há a necessidade de se oferecer condições prévias para que a criança ou o adolescente possa pensar e inventar seu próprio futuro. É preciso que algum adulto “sustente” esse projeto antes que a criança ou o adolescente consiga sustentá-lo sozinho. Por isso, o planejamento e o acompanhamento da saída devem ser garantidos.

Nesse processo, considera-se fundamental o respeito à história, identidade cultural e religiosa, constituição física e biológica, e a possibilidade de construção de autonomia e pertencimento social. O projeto de vida representa o desejo da criança e do adolescente, incluindo o desejo de sua família, quando ela está pre-

sente. O educador deve, portanto, ser bastante sensível para, ao mesmo tempo, estimular, provocar e respeitar as escolhas individuais, sem que, dessa forma, esteja impondo seus desejos e expectativas.

As crianças e os adolescentes espelham-se nos educadores e em outros adultos de referência, em suas qualidades, talentos, motivações e objetivos, e é muitas vezes assim que se cria o exercício de desejar, sonhar, imaginar e fazer planos. E é claro que estes não são fixos, podem mudar – e mudam mesmo – porque novas possibilidades surgem e tudo está em constante movimento. 🌈

## SOL NO QUINTAL

*“Moro num condomínio bem bacana, com jardim e grandes casas. Mas só neste ano, tivemos pelo menos cinco reuniões para colocar mais segurança. Um dia, uma das moradoras perguntou como podíamos fazer para baixar os muros. Então, me deu vontade de ir à casa de uma das jovens, que havia residido no abrigo e agora mora de aluguel numa casa atrás do condomínio. Cheguei lá e vi uma cena maravilhosa: ela sentada no quintal, debaixo de sol, fazendo trancinha numa menininha. Lá moram duas jovens com seus filhos, cinco crianças – quatro de uma e uma da outra. Todas brincando e correndo. Ficamos conversando, entrei, tomamos café. Tudo isso me fez pensar: “Montei meu projeto de vida: uma casa bacana, jardim bonito, minhas filhas...” E, de repente, minha vida não parecia tão harmônica quanto aquela cena. Isso me fez refletir que o que as jovens projetam, muitas vezes, é diferente dos nossos padrões. E temos que estar abertos para isso.”*

*Raquel Barros, Associação Lua Nova*

## HORA DE SAIR

*“Estar pronto é poder assumir o compromisso que se faz consigo mesmo.”*

Não é possível falar em “sair”, sem considerar o “entrar” e “ficar”, isto já está claro. Quanto mais intensa e significativa for a experiência dentro e fora do abrigo, em rede com a comunidade, maior a chance de o jovem continuar sua vida de forma autônoma, responsável, solidária, participativa. Mas, embora o desabrigo seja trabalhado durante toda a permanência no abrigo, a saída propriamente dita traz um impacto significativo.

Há mudanças no espaço, nas rotinas, nas relações de poder e de hábitos. O momento da saída é difícil e pode ser conflituoso. É hora de se despedir, de sentir medo, incertezas. É comum haver hostilidades e negações. Neste momento, algumas coisas se amenizam, outras surgem com força. Apesar de coexistirem o tempo todo, é como se algumas nascessem e outras morressem neste momento. 🍷

## O que o adolescente perde e o que precisa conquistar na saída do abrigo

O que se perde	O que se ganha
Proteção institucional, a dependência.	Autoproteção, a interdependência.
Segurança de ser cuidado.	A responsabilidade do autocuidado.
Acomodação, dependência.	Ousadia de se assumir.
Cumprimento das regras, as limitações da instituição.	Mais liberdade para construir as próprias regras.
Sustento incondicional.	Busca do próprio sustento.
Assistência e monitoramento.	Autonomia, enfrentamento, escolha.
Rotina cotidiana obrigatória.	Rotina cotidiana decidida por si.
Rede de proteção institucional.	Rede de proteção social.

## O medo da separação

O medo da separação não é só dos jovens; é também do profissional. O temor é mais forte quando não foi desenvolvido um projeto de vida durante o abrigamento. A reflexão dos profissionais é também fundamental para entender todos os sentimentos presentes neste momento de separação e trabalhá-los.

Mais do que o medo, muitas vezes, existe pavor. O pavor de um novo abandono pode ser sentido por algumas crianças e jovens, ainda que nem sempre conscientemente. No cotidiano do abrigo, as crianças e os jovens precisam elaborar o abandono. Se não (diz um profissional) é só colar abandono sobre abandono.

Ter medo faz parte do processo de qualquer situação de mudança. Muitas vezes, o medo do processo de separação é maior do que de enfrentar a vida que está pela frente.

Há jovens que, para sair, vão precisar de um empurrão e muito apoio. Em alguns casos, tendo ou não emprego, ele tem de enfrentar a vida fora. Existe a solidão, e ele vai precisar aprender a sair dela, contorná-la.

Outros vão desejar sair, enfrentar a aventura. Para esses, o medo existe, mas é estimulante.

Há ainda os que sentem depressão ou uma reação emocional forte. Há jovens que chegam a desmaiar ou ter convulsões ao pensar na nova vida fora do abrigo. Com o menino que já viveu na rua é, em geral, diferente. Sua capacidade de ir e vir é muito desenvolvida. O que ele precisa é manter os compromissos, já que é, muitas vezes, disperso, não se fixa, é “descolado”. Tudo para ele, às vezes, parece descartável. O trabalho nesse caso é ajudá-lo a se vincular, a se manter, a permanecer.

Mas cada caso é um caso e os profissionais vão, junto com os jovens, refletir e tomar a decisão de qual é o melhor momento para a saída. E quem precisa ser mais bem assistido.

A supervisão externa para os profissionais traz a consciência não só da ação concreta necessária para acontecer no abrigo, como também da relação entre as crianças e os adolescentes e os profissionais. É preciso adquirir a consciência de que armadilhas podem estar provocando o efeito contrário ao que se pretende. Relações que aprisionam ou que expulsam esses jovens podem estar acontecendo sem que os educadores se deem conta desses processos inconscientes. O abrigo não pode ser o lugar de conforto total, deve impulsionar o desejo de eles saírem para ter seu próprio espaço.

É importante trabalhar o sentido da separação para que não tenham medo de se revincularem. É preciso também tirar o medo de ir para o mundo, porque ele pode contar com as amizades (vínculos) feitas no abrigo, com as outras crianças, adolescentes e adultos.

O grande apoio na saída é a rede na comunidade e no próprio abrigo. Ninguém sobrevive sozinho e toda a rede de apoio construída dentro do abrigo e da comunidade deve estar e se manter presente também na saída. O adolescente pode contar com as amizades de outras crianças e de adultos feitas no abrigo. Assim, há a possibilidade de se revincular, sem o medo do abandono e de rupturas abruptas. 🐾

## CAMINHOS PRÓPRIOS

*“Já tivemos duas adolescentes com o poder familiar destituído porque ambas as mães tinham problemas psiquiátricos. Tentamos uma reaproximação com a família, mas elas não queriam. Tinham medo de enlouquecer como as mães. Ficaram com a gente, e foram adolescentes bem difíceis. Mas estudaram, conseguiram trabalho. Uma se casou, tem filhos. Conquistaram suas casas, construíram suas histórias. Depois de um tempo, foram procurar suas mães. E ambas hoje vivem com elas, ajudando-as no tratamento, a manter a casa. São histórias que fazem a gente pensar nas mudanças de padrão de relacionamento. Aprendemos a esperar que as coisas aconteçam no seu próprio ritmo que, às vezes, é diferente do que imaginamos.”*

*Silmara Marazzi, Abrigo Butantã*

## Ferramentas essenciais para a saída do abrigo

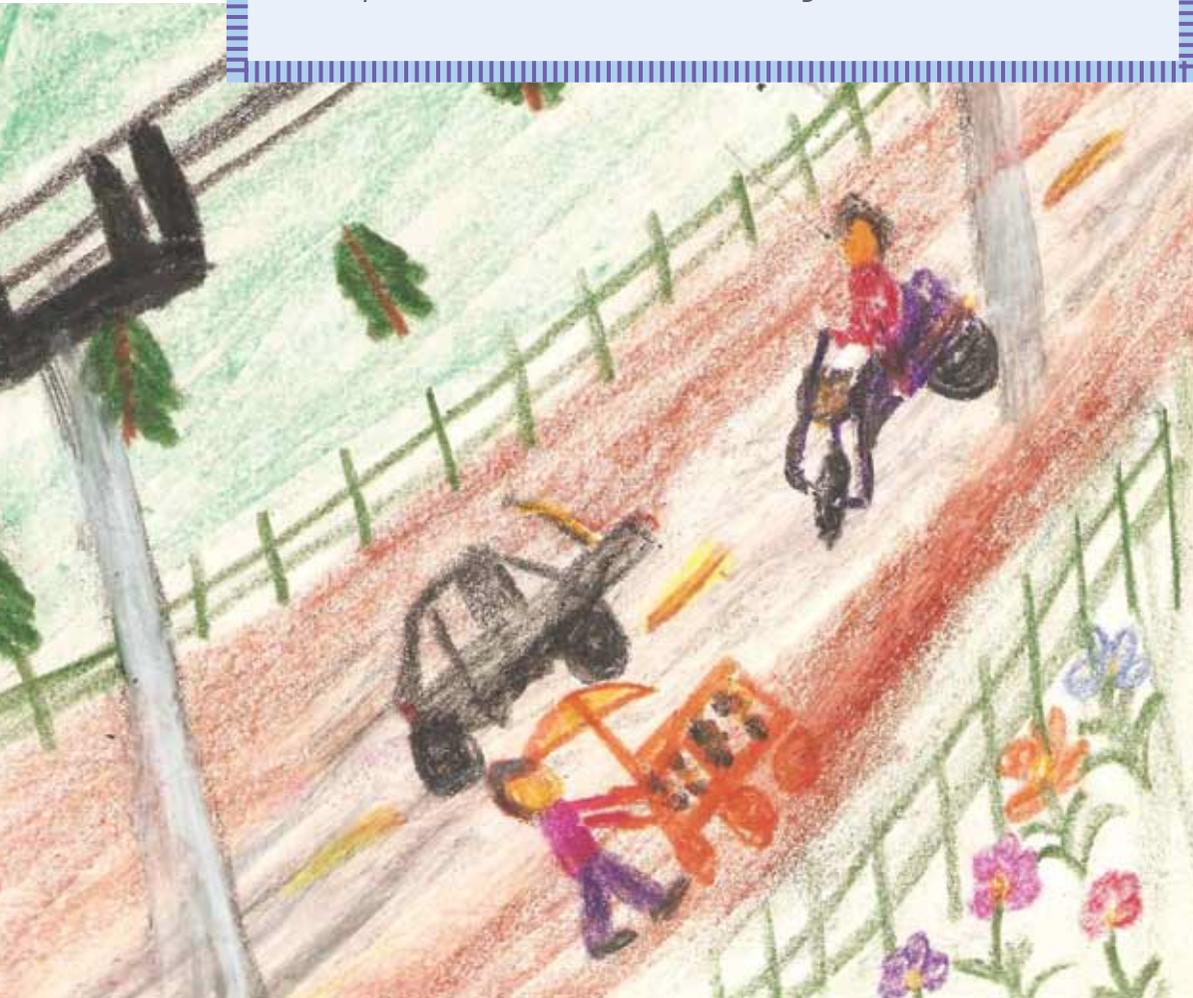
No processo de saída, algumas posturas podem ajudar a equipe e o jovem a transformar esse momento em oportunidade de uma nova fase de vida.

- Cultivar em cada jovem o desejo de “ir para o mundo”, poder experimentar, errar, voltar.
- Investir no conhecimento e na profissionalização. Frequentar a escola, fazer cursos profissionalizantes e ter um trabalho remunerado ao sair do abrigo. São várias possibilidades: investir no empreendedorismo e cooperativismo; procurar programas de *trainee*, estágios, empregos; apoio para negócio próprio.
- Estimular sua instrumentalização em atividades básicas: saber tirar documentos, fazer um currículo, preencher uma ficha de emprego, participar de uma entrevista seletiva.
- Criar uma rotina que favoreça o exercício cotidiano de autonomia e responsabilidade dentro do abrigo. Os jovens devem assumir a administração da casa, revezar-se nas tarefas, e as jovens mães, assumir o cuidado de seus filhos.
- Fazer um trabalho de “educação financeira”. Com que gastar o dinheiro? Onde comprar? Como economizar? Os jovens são estimulados a começar a fazer uma poupança.
- Fortalecer redes entre os próprios jovens. Incentivar e apoiar vínculos de afeto e solidariedade.
- Acionar e fortalecer redes de apoio na comunidade – com os amigos, com os vizinhos, os serviços públicos locais, espaços comunitários etc.
- Retomar a rede familiar – recriar ou fortalecer vínculos com pai, mãe, irmãos, tios, tias, primos, avós, avôs.
- Proporcionar o contato entre os jovens residentes e os que já saíram do abrigo. Organizar encontros, rodas de conversa, para ajudar a desfazer medos e fantasmas, saber das dificuldades reais e, ao mesmo tempo, das possibilidades. Eles discutirão o que está dando certo e quais as possibilidades da vida lá fora.
- Intensificar as conversas entre a equipe e o jovem. Falar dos medos, das possibilidades, antecipar problemas, planejar alternativas, preparar o jovem para enfrentar o mundo.
- Entender os sentimentos conflituosos, presentes em todo momento de mudança: o apego, o medo do novo, o medo da solidão, a tristeza, a saudade, a dependência. Falar sobre estes sentimentos traz a possibilidade de encará-los para transformá-los, tanto no jovem que sai, quanto na equipe e nos jovens que ficam.
- Garantir espaço de formação/supervisão para a equipe a fim de que trabalhem os processos de separação. Se algumas saídas podem ser boicotadas pela própria equipe ou pelos jovens, outros casos, muito difíceis podem trazer alívio, acompanhado de culpa. A supervisão permite entender estes momentos e preparar-se para não ter medo do envolvimento, nem da separação.
- Manter o vínculo entre o jovem e o abrigo, manter as portas abertas, permitir que ele volte e tenha este grupo como referência. 🐾

## Visita bem-vinda

Um dos meninos que morou no abrigo, hoje já um adulto, concursado, trabalha no Hospital das Clínicas, foi lá outro dia fazer uma visita. Claro que ele tem uma vida ainda difícil, de batalha, mas conquistou uma vida estruturada. Está seguindo o caminho dele. Ele contou do trabalho, dos outros meninos com os quais ainda mantém contato... Eu pensei o quanto essa visita foi importante para os meninos da casa... É um mote para eles pensarem no seu próprio plano de vida. Sentirem que têm uma história, um caminhar que é de cada um, do qual fazem parte a família, os amigos, a escola, o emprego, o trabalho. Um caminhar que quem saiu já está conseguindo fazer.

*Depoimento de um coordenador de abrigo.*





## capítulo 6

# O VÍNCULO NÃO ACABA

*“Solidão não é estar só. É não ter alguém.”*

*Ana Bock*

Embora os vínculos mudem de maneira marcante quando o jovem sai do abrigo, eles não acabam. As relações construídas não desaparecem, elas mudam de lugar, mas não devem se romper. O cuidado que se tem com esta nova fase deve ser tão valorizado quanto o momento de chegada no abrigo. Constrói-se um novo tipo de relação e de apoio.

O papel do abrigo é de incentivador, propulsor e apoiador. Há a consciência da necessidade de promover a independência e a autonomia dos jovens e de estimulá-los para que eles se apoiem mutuamente. Um grande momento criativo está neste processo de desabrigo. O acompanhamento pós-saída está sendo criado com novas modalidades de apoio, possibilitando assim uma melhor adaptação social.

- Um técnico acompanha os jovens e suas famílias antes e depois do desabrigo. Quando necessário, intervém e apoia.
- Os jovens que já saíram voltam para participar de reuniões, avaliar, contar seus processos de inclusão, auxiliando os atuais moradores.
- Numa espécie de república, os jovens vivem em núcleos de apoio mútuo. Eles se unem para morar numa mesma casa, que organizam e administram – apoiando-se. Os educadores acompanham o processo. Os vários núcleos avaliam em grupo suas experiências. 🐾

## Antes de naufragar

Um dos núcleos solidários<sup>7</sup> começou a naufragar. A proprietária pediu a casa de volta, pois atrasaram o aluguel mais de uma vez. Eles tinham uma semana para resolver. O que eu falei? “Se eu fosse vocês, eu corria atrás do prejuízo. Iria falar com a dona outra vez, tentaria renegociar. Iria atrás de recursos, algum tio ou padrinho que pudesse emprestar...”. Conseguiram um quatinho bem mais apertado, conseguiram bicos, estão trabalhando. Talvez, logo consigam se mudar para um lugar mais amplo. Certamente, nosso primeiro impulso seria: vamos nós, abrigo, ajudar. Mas o melhor foi deixá-los resolver. Foi duro, mas era a melhor intervenção que podíamos fazer.

*Coordenador de uma república*

7 Os Núcleos Solidários apóiam o início da vida autônoma dos jovens sem família que estão em processo de saída do abrigo. Em 2008, a Liga Solidária manteve 7 núcleos com 15 jovens que estavam em seus abrigos e que, por criarem vínculos, resolveram morar juntos. Sob orientação dos profissionais, cada jovem residente no núcleo mobiliza-se em direção à sua autonomia, buscando o próprio sustento, identificando uma casa para ser alugada, estabelecendo contrato de aluguel com os devidos compromissos, administrando a economia doméstica. Para saber mais, consulte o site [www.ligasolidaria.org.br](http://www.ligasolidaria.org.br)

## CONSTRUÇÃO DO NOVO

*“Nossa proposta de abrigo tem a ver com o sonho de uma sociedade mais aberta, diversa, justa e igualitária.”*

Reconstituir esse caminho da acolhida à saída fez emergir do grupo a busca pelo novo abrigo. Vale retomar alguns tópicos que se mostraram fundantes nesse processo reflexivo.

- A discussão sobre a estrutura do abrigo e a estrutura da família, como espaços de desenvolvimento e construção de subjetividade. Quais as diferenças e semelhanças entre a família e o abrigo? Qual o potencial e os limites do abrigo? Como os profissionais se sentem na construção de seu papel como educador de abrigo? Qual o potencial e os limites do educador de abrigo? Discussões cheias de conteúdo e emoção trouxeram os sentimentos desses profissionais que, juntos, construíram conceitos e selecionaram ferramentas para o trabalho no abrigo.
- A autonomia e a emancipação como objetivos do abrigo foram reflexões importantes. Relembrando seu próprio processo de busca de autonomia, os profissionais investigaram qual o significado da autonomia para as crianças

e os jovens do abrigo, e reconheceram que toda ação e rotina do abrigo são uma busca de construção de si e conquista da autonomia e libertação para aprender a ser (como diria Jacques Delors). O abrigo é essencialmente um projeto de aprender a ser.

- O abrigo pode abrir espaço para a construção do protagonismo e da cidadania da criança e do adolescente para que encontrem seu lugar e façam seu projeto de vida e instrumentalizar aqueles que, por algum motivo, foram impedidos (por sua situação social e pessoal) de construir seu protagonismo, sua cidadania e encontrar seu lugar e seu projeto de vida.
- A indagação: qual é a real possibilidade de autonomia e protagonismo do próprio abrigo? Esta dúvida angustiante traz aos profissionais a necessidade de definir o lugar do abrigo na rede social de significações. Existe uma política para o abrigo? Esta instituição precisa ser também autônoma, ouvir sua população e criar, a partir dela e com ela, novos caminhos e uma nova sociedade, um novo modelo de relações com possibilidade de inclusão, apoio e solidariedade. Não pode ter, nem tão pouco assumir (como a população que atende), um papel de indigente.

Com um trabalho tão complexo, os profissionais envolvidos também precisam ter consciência do que é o abrigo, qual é sua autoridade, dignidade e competência, para, junto com sua população, fortalecer-se diante da comunidade.

Embora haja idas e vindas, e esse processo seja sempre dialético e complexo, podemos perceber que alguns movimentos se retraem e outros se intensificam. Os jovens levam os abrigos a se reinventar.

## O que morre e o que nasce nos abrigos

Morre no abrigo antigo	Nasce no abrigo novo
Subalternidade.	Cidadania protegida.
Paternalismo.	Protagonismo.
Falta de conhecimento.	Lugar de educação e capacitação profissional.
Alegação para não fazer.	Busca por novas possibilidades para fazer.
Benemerência histórica.	Serviço profissional altamente qualificado.

O abrigo novo pode se tornar uma comunidade altamente avançada, com formas muito inovadoras de desenvolver redes de apoio mútuo e solidariedade em sociedade.

Em parceria com os jovens, os abrigos anunciam novas formas de morar, trabalhar, ser e viver em sociedade. É tempo de sonhar e ousar. 🤝

## BIBLIOGRAFIA DE APOIO

- DA COSTA, Antonio Carlos Gomes. *A presença da Pedagogia*. São Paulo: Instituto Ayrton Senna; Global Editora, 1999.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.
- DEMO, Pedro. *Educação pelo avesso – Assistência como direito e como problema*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. In: FREIRE, Ana Maria (Org.). São Paulo: Unesp, 2001.
- KAHN MARIN, Isabel da Silva. *Febem, família e identidade – O lugar do outro*. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Escuta, 1999.
- MAHONEY A; Almeida L. R (Org.). *A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MAHONEY A; Almeida L. R.(Org.). *Henri Wallon, Psicologia e Educação*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- RODRIGUES, Neidson. *O educador necessário – Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Cortez, 2003.
- TORO, Bernardo. *Código da modernidade – Capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI*. Tradução e adaptação de Antônio Carlos Gomes da Costa.



# OS AUTORES

Este documento é fruto da sistematização do conteúdo produzido por um grupo de trabalho composto por técnicos, educadores e gestores atuantes em abrigos, sob coordenação de especialistas do Programa Abrigar. Construiu-se, assim, um processo de produção coletiva de conhecimento, no qual todos são coautores.

## OS PROFISSIONAIS

### Alessandra Coelho Evangelista

Sou bióloga e trabalhei por nove anos com projetos socioambientais, a maioria deles voltada a crianças e adolescentes, em Botucatu, interior de São Paulo. No Abrigar há um ano e meio, acredito que um dos pontos altos do Programa seja o equilíbrio entre o aprofundamento dos conteúdos e a preocupação de garantir que as reflexões desses quatro anos de trabalho possam atingir cada vez mais profissionais. Com o apoio do “Juventude”, pude ver de perto a construção de um grupo e a manutenção da confiança que possibilita a discussão de questões tão sérias quanto as que envolvem as crianças e os adolescentes que vivem em abrigos no Brasil. 🐾

### Cláudia Magalhães

Sou graduada em arquitetura pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, em Salvador, onde nasci em 1967. Tenho mestrado em Administração pela UFBA e mestrado em Planejamento Urbano pela University of Pennsylvania (Estados Unidos). Já trabalhei para os setores público e privado empresarial nas áreas de política habitacional, planejamento, gestão e marketing. As questões sociais, em especial as relacionadas à desigualdade e à exclusão, sempre foram objeto de grande interesse e atualmente atuo em consultoria para projetos sociais, com foco em crianças e jovens. Ao conhecer a Associação Santa Fé, fiquei encantada com seu projeto pedagógico, a metodologia utilizada e os resultados obtidos no trabalho com crianças e jovens em alto grau de vulnerabilidade e exclusão

(situação de rua). Assim começou a minha relação com os abrigos, há dois anos. Meu sonho é que a nossa sociedade possa acreditar no desenvolvimento desses meninos e dessas meninas, e que possa assumir a sua responsabilidade na inclusão desses grupos marginalizados. Foi maravilhoso participar da troca de experiências entre organizações tão sérias e tão comprometidas com seu trabalho, e poder compreender o abrigo como um projeto pedagógico de emancipação e autonomia, capaz de redirecionar, dar novo significado à trajetória desses jovens. Foi também uma grande oportunidade de aprendizado para o exercício da maternidade e da cidadania, aguçando meu olhar e minha compreensão sobre o ato de educar. 🌱

### Immaculada Lopez Prieto

Sou jornalista. Vejo meu papel como construtora de pontes entre pessoas interessadas em contar e ouvir suas experiências, aprendizados, opiniões e histórias. Trabalho com a temática social há mais de 10 anos, tanto como repórter, como redatora, editora e coordenadora de projetos. Envolvi-me especialmente com a temática da infância e da adolescência e inevitavelmente me deparei com o universo dos abrigos – seus desafios e inovações. Em 2006, integrei a equipe de sistematização do Programa Abrigar, que me permitiu conviver com os profissionais de dezenas de abrigos. Participar deste grupo de trabalho que atendem jovens foi uma experiência surpreendente pelo compromisso e pela cumplicidade do grupo e, às vezes, até atordoante pela profundidade e gravidade das reflexões. Desejo que seja um trabalho muito útil e inspirador para todos. 🌱

### Janaína Ernica Contardi Medeiros

Graduada em Serviço Social, trabalho na Fundação Francisca Franco exercendo a função de Coordenadora do Abrigo Menina Mãe I, o qual atende adolescentes gestantes com seus bebês. Tenho como objetivo melhorar as oportunidades de vida para a população jovem de baixa renda no contexto urbano apoiando suas famílias e demais responsáveis, por meio de programas comunitários, e formando uma rede de suporte ao redor de cada jovem. O Grupo Juventude veio ao encontro das minhas expectativas, mostrou-me que é possível e que vale a pena lutar pelos nossos sonhos. 🌱

## José de Souza Queiroz

Estudei Teologia e Sociologia Política. Sou educador. Atualmente, atuo como Diretor de Desenvolvimento Institucional na Associação Santa Fé, na zona sul de São Paulo, instituição que ajudei a fundar há 14 anos. Participo de movimentos e organizações sociais há mais de 25 anos perseguindo talvez um único sonho: a liberdade. A liberdade que é conquistada verdadeiramente através do conhecimento, único instrumento que, de fato, permite a qualquer sujeito ser livre, autônomo e emancipado.

Participar do processo de produção desta publicação tem resultado em muito aprendizado. É uma oportunidade ímpar de fazer a releitura de toda a minha trajetória. Permitiu-me escrever esses anos de exercício e transformá-los em um projeto/proposta de educação protagônica. A convicção de que abrigos são e devem ser lugares de educação emancipadora, caso contrário, não valem a pena. Em tempos de esterilidade, reafirmamos amor, generosidade, companheirismo, ética, solidariedade, afetividade, imaginação, criatividade – tão necessários para enfrentarmos a realidade. 🐾

## Júlio César Vieira Guimarães

Sou psicólogo, com especialização em Coordenação de Grupo Operativo pelo Instituto Pichon Rivière. Trabalho na Liga Solidária há cinco anos coordenando os abrigos num processo de transformação para o atendimento integral, alinhado aos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente. Antes, atuei na Febem-SP, onde desenvolvi trabalhos com adolescentes internados e suas famílias, e também com adolescentes em liberdade assistida na cidade de São Paulo e região de Campinas. Em primeiro lugar, chamo a atenção para a acolhida da equipe, propiciando um clima extremamente agradável. A participação no grupo foi muito proveitosa devido não só à possibilidade de reflexão sobre nossa prática, como também à troca de experiências sobre diferentes trabalhos de abrigo. 🐾

## Maria Lúcia Carr Ribeiro Gulassa

Formada em pedagogia, sempre me percebi como pedagoga social. Com especialização em pesquisa educacional, trabalho com grupos e, depois de atuar em escolas de classes sociais mais favorecidas, tive a oportunidade de trabalhar num grande abrigo estadual. Lá, foram 11 anos de busca por uma instituição mais humanizada, mais competente. Saí para trabalhar com seus profissionais, dando

formação e supervisão, então com o apoio da Fundação Ashoka. E lá se vão 20 anos de discussão e debates com profissionais de todos os tipos de abrigo – grandes e pequenos – de todos os possíveis modelos.

O programa Abrigar, do Instituto Camargo Corrêa, iniciado em 2003, trouxe-me outra importante possibilidade: construir grupos de abrigos, redes de pares e de parceiros com projetos de mudança. Chegamos a 48 abrigos debatendo, descobrindo, criando, evoluindo, e ainda registrando, sistematizando, construindo conhecimento e agora publicando essa experiência.

Cada vez mais surge a possibilidade de o abrigo, como instituição, criar uma identidade, em que ações e relações consistentes possam proporcionar uma sociedade mais justa e inclusiva. 🌱

### Mariano Gaioski

Sou professor formado em Filosofia e Teologia, e curso Antropologia (não concluído). Coordeno o Programa Passos, do Educandário Dom Duarte, da Liga Solidária. Tive o privilégio de ser indicado à instituição em 1998 para assumir um projeto com adolescentes na fase de desabrigo. Aceitei o desafio, iniciando o trabalho com nove jovens. Desde então, enfrentamos desafios que solicitam muita criatividade de nossa parte neste projeto, construído no dia a dia com os jovens, que são nossos parceiros. O sonho que sempre está à nossa frente é que cada jovem (sem família ou sem possibilidade de retorno ao convívio familiar) possa ter uma boa profissão e conquistar uma moradia digna, em busca da própria felicidade. Participar deste grupo de trabalho, antes de tudo, foi uma oportunidade e um privilégio. Mas estar num grupo pensante, articulador, sensível e objetivo trouxe uma responsabilidade maior, devido à dimensão do assunto, da prática, da troca de experiência e da colaboração para a vida dos abrigos em São Paulo e no Brasil. 🌱

### Raquel de Barros

Sempre soube que faria Psicologia. Não sei o porquê. Era minha grande vontade. Durante a faculdade, dediquei-me ao que era social e marginal. Eu gostava. Sempre recebi convites importantes e desafiantes para trabalhar, mesmo na época dos estágios, e sempre aceitei. Todos esses trabalhos eram relacionados a jovens, problemas sociais, riscos. Acabei desenvolvendo com eles uma linguagem própria, uma comunicação honesta e transparente. Assim, trabalhei em aconselhamento de usuários de drogas, coordenação de projeto de prevenção nas escolas

com jovens, comunidade terapêutica para jovens dependentes de drogas, jovens mães com problemas e, finalmente, com as meninas da Lua Nova e seus filhos. Comecei a trabalhar com a Lua Nova pensando em dar possibilidade a jovens poderosas de serem mães. A residência onde elas moravam era uma casa, um espaço de transição e de convivência. Foi difícil reconhecer esse espaço como abrigo, não tinha a burocracia dele, não seguia suas regras e buscava sua independência. Mas, aos poucos, fui percebendo que esse espaço era um abrigo e que ser abrigo era bom, era um espaço em que eu poderia atuar e ajudar a transformar. Meu sonho inicial era só trabalhar com a questão da maternidade. Hoje, é mudar a estrutura de abrigos com vários outros batalhadores da causa. O Grupo da Juventude foi uma experiência forte de pertencer a um grupo, ajudou-me a rever meu espaço nesse trabalho – eu com as jovens e as jovens comigo. Revi posturas, credos, convicções. Tudo isso me ajudou a resgatar alguns nós, rever as grandes transformações do sonho e grandes realizações da realidade. Foi bárbaro. Quero mais! 🌸

### Regina M. B. S. B. Pinheiro

Psicóloga, especialista em Psicologia Social, Psicologia Escolar e da Aprendizagem e em Violência contra Criança e o Adolescente (IP-Lacri-USP), terminei minha graduação em 1976, época em que a grade curricular dos cursos de Psicologia era eminentemente voltada para a psicologia clínica. Mas meu interesse e paixão foram Psicologia da Educação, por onde trilhei caminhos incertos buscando novas ocupações, por exemplo, psicólogo escolar. A trajetória na Afagai foi a minha primeira experiência com abrigos e o que sempre me chamou a atenção foi a relevância da proposta para a melhoria do atendimento às crianças e aos adolescentes, e a perspectiva, sempre presente, de adequação às disposições legais (ECA) e à disposição de relação, de inserção na comunidade.

As reflexões construídas neste grupo só foram possíveis porque trataram-se de profissionais de abrigos falando de abrigos num ponto de vista próprio, e só quem está neste lugar pode trazer ou fazer. O que mais guardo desta experiência é a possibilidade de dar um mergulho profundo no processo e projeto de autonomia dos jovens, sobre as funções e ideologias que permeiam nossas ações, nosso papel e o significado social que ele tem. Rever e reconstruir nosso lugar, sistematizar nossa prática e conhecimento e poder se pronunciar com base na visão própria e peculiar de abrigos tem sido a garantia de mudança de paradigmas. 🌸

## Sandra Silva Ungaretti

Minha primeira formação foi Engenharia Civil e trabalhei durante 10 anos com cálculo estrutural. Fiz uma reorientação de carreira, cursei Psicologia e, desde 1999, atuo nas áreas de Psicologia Clínica e Institucional. Como psicóloga institucional, trabalho em creches e abrigos com a intenção e o desejo de contribuir na construção de ambientes acolhedores, nos quais as relações entre todos os atores/autores sejam ricas e estimulantes, e contemplem também os conflitos, disputas e divergências, presentes em qualquer interação social, especialmente nos abrigos, onde participar da construção de um lugar deve ser uma alternativa para a criança e o adolescente conquistarem sua identidade. A participação no Grupo de Juventude marcou-me fortemente, não só pela riqueza dos conteúdos produzidos por todos os participantes, como, principalmente, pelo engajamento e pela motivação de todas as pessoas. 🍷

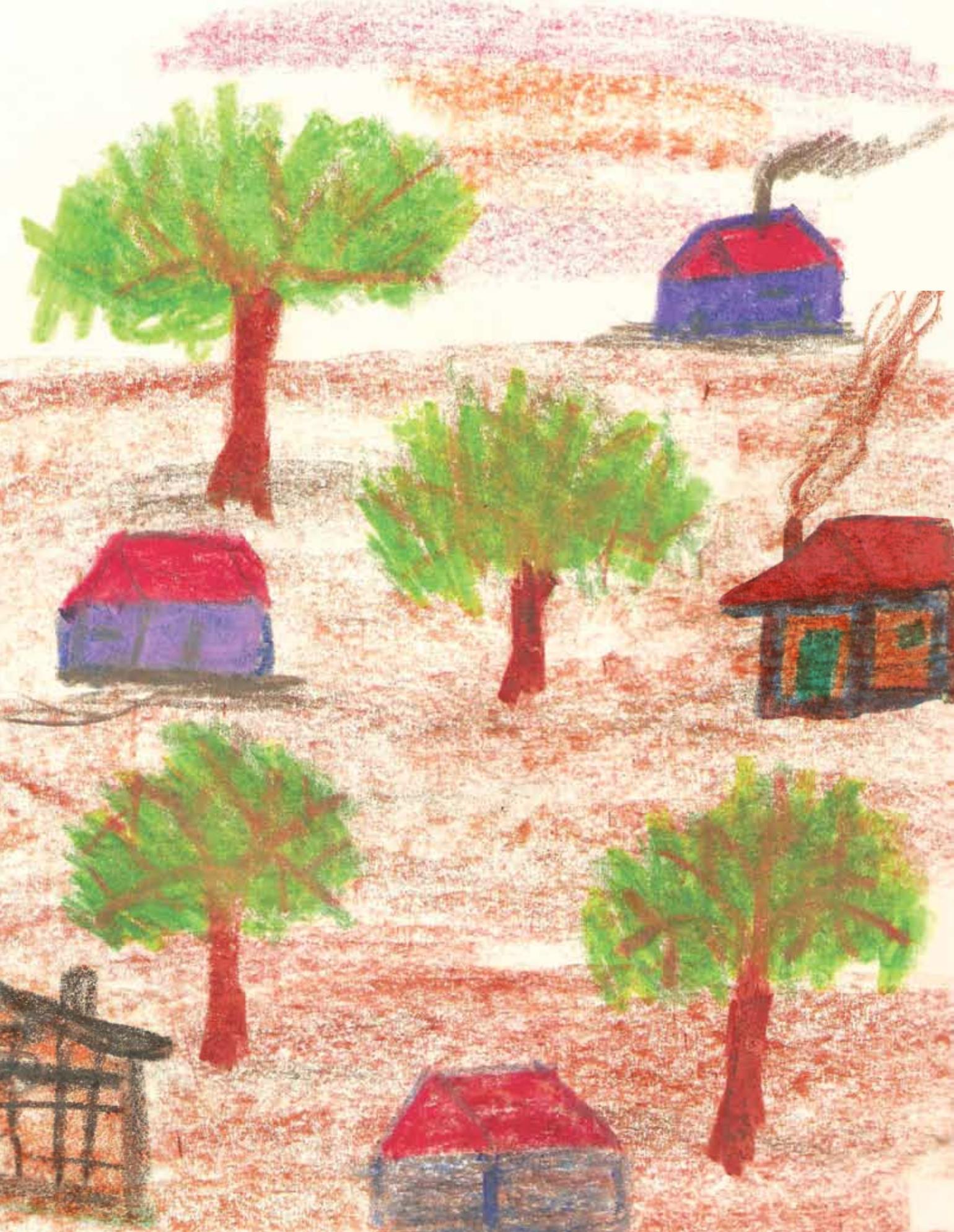
## Silmara Marazzi

Estudei Psicologia e coordeno o Abrigo Butantã, na zona oeste da capital paulista. Trabalho com abrigos desde que me formei. Comecei em Santo André (na Grande São Paulo), depois trabalhei na Secretaria do Menor, que virou a Secretaria da Criança e do Adolescente, primeiro coordenando um abrigo de 15 meninas e depois coordenando, na própria secretaria, a implantação do Programa de Abrigo, alternativa aos grandes internatos e à Febem.

A proposta era termos casas pequenas na comunidade, isto em uma época que ainda trabalhávamos com o Código de Menores, antes do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que, para a época, era uma proposta bastante ousada e diferente de tudo que existia. Atualmente, estou trabalhando na Cruzada Pró-Infância coordenando o Abrigo Butantã. Eu gostei de participar do grupo, ouvir outras experiências e também poder falar como fazemos nosso trabalho. O que guardo dessa experiência são as discussões, a sistematização e o forte compromisso de todos pelo trabalho realizado em suas instituições. 🍷

## Sieyla de Carvalho P. Silva

Graduada em Serviço Social, hoje eu exerço a função de supervisora técnica na Fundação Francisca Franco. Há 14 anos, atuo no seguimento da infância e juventude trilhando o caminho da garantia e defesa de direitos. Meu sonho é que um dia a garantia dos direitos das crianças e adolescentes deixe de ser uma luta e faça parte do mundo real (ideal x real). Tenho ainda como meta para meu futuro profissional atuar na área de capacitação junto aos profissionais que trabalham em abrigos. Ao participar do Grupo Juventude, consegui olhar mais de perto o trabalho que desenvolvo com as equipes que estão sob a minha supervisão, no sentido de repensarmos a prática frequentemente, pois o trabalho em instituições sociais requer uma reflexão constante para não corrermos o risco de – ainda que inconscientemente – deixarmos morrer os sonhos de cada criança e adolescente que atendemos. 🌸



# OS PROJETOS

## ABRIGO BUTANTÃ

### Conceito

O Abrigo Butantã é um serviço da rede pública de atendimento, destinado a oferecer moradia e acesso a direitos para crianças e adolescentes de ambos os sexos, que em determinado momento de sua existência tiveram seus direitos violados e não puderam continuar residindo com seu grupo familiar.

Atualmente, é conveniado com a Cruzada Pró-Infância e a Secretaria Municipal de Ação e Desenvolvimento Social, atendendo 20 crianças/adolescentes na faixa etária de 0 a 18 anos.

### Síntese do nosso trabalho

Em nosso cotidiano, privilegiamos o diálogo e o respeito. Esta relação é construída tendo por base um vínculo seguro e estável que auxilia os atendidos a lidar com sua história e a construir seu projeto de vida. O processo de aprendizado se inicia com o nascimento e não tem mais fim.

A rotina do abrigo é gerada pelo entrecruzamento entre os quatro pilares da educação<sup>8</sup>: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser em 5 níveis (físico, emocional, intelectual, social e familiar).

<sup>8</sup> Jacques Delors (Coord.). Relatório Delors, 1995, UNICEF

## AFAGAI

A Associação Fraterna de Apoio Global ao Adolescente e à Infância (Afagai) é um abrigo de proteção provisória, que busca, quando possível, a reinserção familiar de crianças e adolescentes.

Situado em Campinas (SP), desde 1997, seu desafio é oferecer assistência integral, como medida de proteção, para 16 crianças e adolescentes expostos a riscos pessoais e sociais na faixa etária entre 10 e 18 anos, de ambos os sexos (sendo 10 vagas para meninos e 6 vagas para meninas).

O cotidiano do trabalho articula-se com o serviço em rede e com os equipamentos sociais disponíveis na cidade. Contamos com a parceria importante da Secretaria Municipal de Saúde, que nos propicia um processo de formação continuada por meio do trabalho de supervisão institucional.

E para o atendimento efetivo às crianças e aos adolescentes a principal parceria do Afagai é o Craisa – Centro de Atenção Integral à Saúde do Adolescente – espaço que todos nossos abrigados frequentam quando precisam de atendimentos clínicos, psiquiátricos, psicológicos, terapêuticos ocupacionais, e para participarem em oficinas, entre outros. Realizamos conjuntamente a elaboração do Plano Terapêutico Individual e as reuniões mensais para acompanhamentos dos casos. Compartilharmos também a mesma metodologia de intervenção enfocando a redução de danos como alternativa de trabalho para esta população.

## ASSOCIAÇÃO LUA NOVA

A Associação Lua Nova, criada em 2000, atende jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social. Com sede em Sorocaba (SP), desenvolve e experimenta diferentes técnicas e práticas de inserção social das jovens, incluindo ações de geração de renda, redução de danos e desenvolvimento comunitário.

*Missão:* resgatar e desenvolver a autoestima, a cidadania, o espaço social e a autossustentabilidade de jovens mães vulneráveis, facilitando sua inserção como multiplicadoras de um processo de transformação de comunidades em risco.

*Visão:* transformar-se em um centro de referência em inserção social e desenvolvimento local pelos métodos terapêuticos utilizados.

### Estratégias de ação

- Residência Lua Nova.
- Profissionalização de Jovens, Geração de Renda e Trabalho;
- Criando Arte: Formação de costureiras e criação, desenvolvimento, produção e venda de bonecas e brindes.
- Empreiteira Escola Lua Nova: criação de grupos de construção civil para a venda de produtos e serviços e construção de casas para a população de baixa renda;
- Panificadora Lua Crescente: produção e venda de biscoitos artesanais.
- Arte e Amor em Vidro: joias em vidro reciclado.
- Comunidade – atuação junto a dez comunidades da região de Sorocaba, visando ao desenvolvimento local e à inclusão social das jovens.

## ASSOCIAÇÃO SANTA FÉ

A Associação Beneficente Santa Fé, fundada em 1993, é uma instituição sem fins lucrativos (Ong), não religiosa, que atende crianças e adolescentes, vítimas de diversas formas de violência e maus-tratos domésticos, em trânsito pelas ruas da capital paulista. Sustentada pela metodologia de resignificação terapêutica dos traumas de violências, fundamentada em experiências e estudos de David Winnicott (pediatra e psicanalista inglês), a Associação desenvolve uma pedagogia de autonomização e emancipação, fomentando o protagonismo e o empreendedorismo pessoal e comunitário.

### Programas e projetos

- Abrigamento: duas residências terapêuticas para crianças e adolescentes, sendo uma especializada em gravidez e mães adolescentes com seus filhos, além de Repúblicas Jovens para meninos e meninas.
- Intervenção nas Ruas: Projeto Tecnologia Social Escola Ambulante que, por meio de mapeamentos, pesquisas etnográficas e intervenções Sócio culturais, constroem a saída das ruas com as crianças, suas famílias e a rede socioassistencial.
- Autonomia e Emancipação Familiar: Projeto Mudando a História, projeto de reconstrução da capacidade afetiva/emocional e socioeconômica dos familiares, reduzindo o tempo de abrigamento e efetivando a volta para casa em bases sustentáveis e seguras.
- Usina Cultural: Projetos de Capacitação Profissional, Empregabilidade e Geração de Renda para adolescentes, jovens e familiares.
- Unidade Experimental – Febem: em função do trabalho e de sua *expertise*, a Santa Fé é parceira da Escola Paulista de Medicina-Unifesp na concepção e gestão de uma unidade experimental da Febem. Essa unidade atenderá 40 jovens, e seu modelo inovador será avaliado, como piloto, com vistas a ser replicado.
- Estudos, supervisão, consultorias, palestras e desenvolvimento de projetos inovadores de inclusão social, além de participação ativa na construção de políticas públicas.

### Resultados e reconhecimentos

A experiência da Santa Fé tem demonstrado que é possível tirar jovens de um provável circuito de criminalidade. Dos 112 abrigados entre 2003 e 2005, apenas três voltaram para as ruas e só um reincidiu no crime. Já conseguiram realizar a volta para casa 55, entre os quais 22 estão em idade economicamente ativa e 18 trabalham, tendo conseguido sua plena inclusão social.

Foi eleita a melhor tecnologia social do Brasil, em 2005, na categoria “Direitos da Criança e do Adolescente” pela Fundação Banco do Brasil, Petrobras e Unesco.

A presidente da Santa Fé – Márcia Dias – é também fellow-membro da Ashoka, comunidade internacional de empreendedores sociais de destaque, presente em mais de 50 países. A Associação integra a Rede Abrigar do Instituto Camargo Corrêa; a Rede de Tecnologias Sociais – RTS; e a Redinfa – Rede Brasileira de Informação sobre infância, adolescência e família. É associada ao Instituto Interamericano del Niño – IIN – OEA; reconhecida pela ONU quando da visita oficial do representante da seção de Direitos Humanos/Violência Sexual Criança e Adolescente, Dr. Juan Miguel Petit; selecionada pela Bolsa de Valores Sociais – Bovespa; destacada como um dos trabalhos mais importantes de São Paulo pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social em 2001.

## CASA MENINA-MÃE – FUNDAÇÃO FRANCISCA FRANCO

**Fundação Francisca Franco** é uma entidade jurídica sem fins lucrativos, instituída em 23 de dezembro de 1954, com objetivo de atender a população carente.

Inicialmente, desenvolveu um trabalho social com caráter assistencialista, suprindo somente as necessidades emergenciais das pessoas que a procuravam. Tal procedimento fez parte de um contexto histórico dos trabalhos desenvolvidos na área da assistência social da época.

Apontar os problemas e suprir as necessidades das pessoas não é o bastante quando pensamos no desenvolvimento de um trabalho social. Dessa forma, a Fundação reformulou sua ação e atualmente mantém dois programas de atuação social: Programa de Proteção Integral e Programa de Educação Profissionalizante.

O Programa de Proteção Integral é formado por quatro projetos de abrigo que atendem uma população mensal de 120 pessoas, entre crianças, adolescentes, adolescentes gestantes e mães, e ainda mulheres, vítimas de violência doméstica, que se encontram em situação de risco pessoal e/ou social.

O Programa de Educação Profissionalizante é formado pelo Projeto “Fazendo Moda”, instituído em 2003, que tem como objetivo proporcionar a formação profissional na área de moda para 110 jovens em situação de exclusão social.

Os projetos sociais desenvolvidos pela Fundação Francisca Franco são mantidos por recursos oriundos de parcerias e/ou convênios estabelecidos com órgãos públicos, empresas e fundações da iniciativa privada, e doações de pessoas físicas. Além das parcerias financeiras, contamos com um grupo de colaboradores que doam mantimentos, bens e serviços, garantindo a qualidade do trabalho desenvolvido.

### Área de atuação

- Atendimento a crianças e adolescentes de ambos os sexos, especificamente grupo de irmãos carentes, em situação de risco pessoal e ou social, em regime de abrigo.
- Atendimento a adolescentes gestantes ou mães carentes, que se encontravam em situação de risco, bem como seus filhos, em regime de abrigo.
- Atendimento a mulheres vítimas de violência de gênero, bem como seus filhos, em regime de abrigo.
- Desenvolvimento de oficina profissionalizante na área de moda para adolescentes na faixa etária de 16 a 18 anos.

## PROJETO PASSOS – EDUCANDÁRIO DOM DUARTE – LIGA SOLIDÁRIA

Em 1998, a partir de uma leitura da realidade dos jovens no processo de desabrigo, a Liga Solidária iniciou um projeto para atender esses adolescentes, evitando assim novo abandono e conseqüente exposição a um novo risco social.

O processo educacional desenvolvido no abrigo Passos encontra-se em consonância com a missão da Liga Solidária: “Contribuir com ações socioeducativas para conscientizar crianças, jovens e adultos de sua dignidade e de seu potencial transformador”.

Nesse sentido, o Passos desenvolve os trabalhos com o objetivo de preparar os jovens para uma vida autônoma, amplia seus recursos emocionais, cognitivos, culturais, por meio de estratégias e dinâmicas vivenciadas no cotidiano de forma solidária, ou seja, com base na mútua cooperação para o enfrentamento das dificuldades estruturais dessa fase: moradia; trabalho, vida acadêmica e social.

Este projeto vem superando seus desafios, e isso fica patente pelas conquistas obtidas pelos jovens inseridos no mercado de trabalho, que vivem em suas próprias casas, constituem família e mantêm sua rede social pessoal, independentemente da instituição. 🐾

